

Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

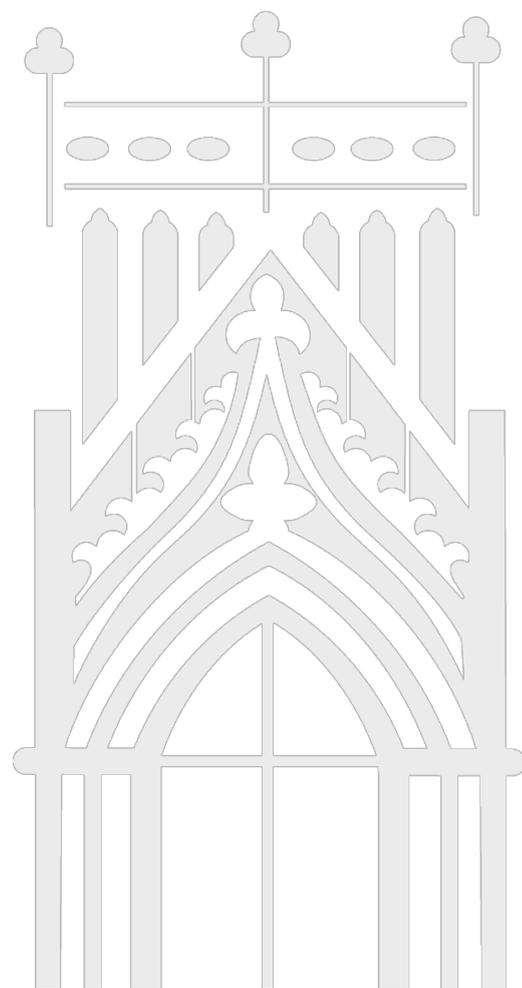
Relatório de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada

Tânia Filipa Gomes da Costa

dezembro | 2013



Escola Superior de
Educação, Comunicação
e Desporto





Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
Instituto Politécnico da Guarda

Relatório de Estágio da
Prática de Ensino Supervisionada

Tânia Filipa Gomes da Costa

Mestrado em Educação Pré-Escolar

e

Ensino do 1º Ciclo de Ensino Básico

Guarda, dezembro 2013



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
Instituto Politécnico da Guarda

Relatório de Estágio da
Prática de Ensino Supervisionada

Tânia Filipa Gomes da Costa

Mestrado em Educação Pré-Escolar

e

Ensino do 1º Ciclo de Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor Mário Meleiro

Guarda, dezembro 2013

Agradecimentos

Terminada esta etapa que contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional, é importante deixar o meu agradecimento a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho.

- O primeiro agradecimento vai para a minha família pelo apoio incondicional e compreensão que demonstraram desde o primeiro momento. Por isso, um obrigado especial ao pai, mãe, irmão e namorado.

- Agradeço, também, ao Professor Doutor Mário Meleiro pelos seus ensinamentos, disponibilidade e orientação neste trabalho.

- Às professoras cooperantes pela compreensão, carisma, incentivo, apoio e ensinamentos que demonstraram em todos os momentos da PES.

- Às crianças com quem diariamente mantive contacto e ajudaram no decorrer da PES nas mais diversas atividades, as quais não seriam possíveis sem a sua colaboração, atenção e entusiasmo.

- À cooperante, professora Fátima Silva, por ter apoiado a concretização desta investigação com a turma do 1ºCEB.

- A todos os colegas de Mestrado que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho de investigação.

- A todos aqueles que contribuíram para que o percurso escolar corresse pelo melhor, os professores de Mestrado de Educação Pré-escolar e 1ºCEB.

Muito Obrigada.

Resumo

A presente investigação foi realizada no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda, a qual apresenta o trabalho desenvolvido no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada no Pré-Escolar (PES I) e 1º CEB (PES II).

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o percurso, os desafios diários, dificuldades e anseios gerados durante esta etapa, como também refletir sobre o processo de formação de palavras no 1º CEB.

Este trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro, aborda-se o enquadramento institucional e organizacional das instituições e dos grupos, numa primeira fase o Jardim de Infância das Lameirinhas (PES I) e, numa segunda, a Escola Básica de Santa Zita (PES II), ambas pertencentes ao Agrupamento de Escolas da Área Urbana da Guarda.

O segundo capítulo diz respeito às experiências vividas com o decorrer dos PES I e II nos níveis de ensino. Apresenta-se também uma reflexão final sobre o decorrer de alguns momentos de aprendizagem, sendo evidenciadas algumas dificuldades e incertezas com o seu decorrer e as estratégias usadas para as colmatar.

No terceiro capítulo apresenta-se a investigação teórica sobre a formação de palavras, depois aplicada no 1º CEB, com vista a observar este processo de enriquecimento vocabular nos alunos. Finaliza-se esta pesquisa com a análise dos resultados obtidos.

Palavras-Chave: 1º CEB, prática de ensino supervisionada, formação de palavras

Abstract

This research was done within the framework of the Master in Education (Pre – primary school and the 1st cycle of Basic Education), at the School for Higher Education, Communication and Sports, Polytechnic Institute of Guarda, which reports the activities undertaken during the Supervised Teaching Practice at Pre -School (PES I) and 1st CEB (PES II) .

The objective of this dissertation is to discuss the path, the daily challenges, difficulties and anxieties that I came across along the process, as well as reflect on word-formation in the 1st CEB.

This work is divided into three chapters. First, the institutional and organizational framework of the educational institutions and groups, at first the kindergarten of Lameirinhas (PES I), and subsequently, the School of Santa Zita (PES II), both belonging to the Schools Group of the Urban area of Guarda .

The second chapter concerns my work experience throughout the course of PES I and II in the different levels of education. Finally, there is an analysis of the different steps of the learning process, where some difficulties and uncertainties are highlighted and some resolutions are presented.

The third chapter concerns the theoretical approach on word formation, applied to the course in question in order to enrich pupils' vocabulary. This dissertation ends with the analysis of the results obtained.

Keywords: 1st CEB, practical supervised teaching, word formation.

Siglas

ATL – Atividades de Tempos Livres

CAF – Componente de Apoio à Família

CEB – Ciclo do Ensino Básico

DGIDC – Direção Geral de Investigação e Desenvolvimento Curricular

ESECD – Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

IPP – Iniciação à Prática Profissional

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PEA – Perturbações do Espectro de Autismo

PEI – Plano Educativo Individualizado

PES – Prática de Ensino Supervisionada

Índice geral

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract	v
Siglas.....	vi
Índice geral.....	vii
Índice de figuras.....	ix
Índice de tabelas.....	xi
Índice de gráficos	xii
Introdução	1
I Capítulo.....	1
Enquadramento Institucional – Organização e Administração Escolar	4
1- Caracterização do meio envolvente	4
2- Caracterização do meio Pré-Escolar	7
2.1- Objetivos gerais na educação Pré-Escolar	7
2.2- Caracterização do meio envolvente do Jardim de Infância das Lameirinhas	8
2.3- Caracterização da Instituição	10
2.4- Recursos humanos do Jardim de Infância.....	15
2.5- Caracterização da sala.....	16
2.5- Caracterização do grupo	26
2.6- Rotina diária.....	34
3- Caracterização do meio escolar – 1º Ciclo do Ensino Básico.....	36
3.1- Objetivos gerais do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	36
3.2- Caracterização do meio escolar da Escola Básica de Santa Zita	37
3.3- Caracterização da Instituição	38
3.4- Recursos humanos da Escola do 1º CEB	44
3.5- Caracterização da sala.....	45
3.6- Caracterização do grupo do 1º CEB	50
3.7- Horário da turma do 2º ano	59
II Capítulo	60
1- Descrição da Prática de Ensino Supervisionada	61
1.1- Contexto legal da Prática de Ensino Supervisionada.....	61
1.2- Descrição da PES.....	62
1.3- Contexto institucional	65

1.3.1-Prática de Ensino Supervisionada I no Ensino Pré-Escolar	65
1.3.2-Prática de Ensino Supervisionada II no Ensino do 1ºCEB	70
III Capítulo	74
Formação de Palavras.....	75
1-Derivação	77
1.1- Afixação.....	77
1.1.1-Prefixação	78
1.1.2 – Sufixação.....	80
1.1.3-Parassíntese	81
1.2- Conversão	84
1.3- Não-afixal	85
2- Composição	86
2.1- Composição morfológica	87
2.1- Composição morfossintática.....	89
Problemática.....	92
Objetivo.....	93
Metodologia	94
Apresentação e discussão dos dados	95
Considerações Finais.....	100
Conclusão.....	102
Bibliografia	104
Legislação	105
Anexos.....	106

Índice de figuras

Figura 1 Mapa de Portugal	6
Figura 2 Mapa de Concelhos	6
Figura 3 Freguesia da Sé.....	8
Figura 4 Brasão da Sé.....	9
Figura 5 Centro Urbano da Guarda.....	9
Figura 6 Átrio interior.....	11
Figura 7 Casa de banho.....	11
Figura 8 Componente de Apoio à Família.....	12
Figura 9 Casa de banho NEE	12
Figura 10 Sala de trabalhos.....	13
Figura 11 Cabides	13
Figura 12 Campo Polidesportivo	14
Figura 13 Caixa de areia	14
Figura 14 Planta da Sala	16
Figura 15 Jogos de mesa.....	17
Figura 16 Fantocheiro	18
Figura 17 Leitura.....	19
Figura 18 Casinha.....	20
Figura 19 Casinha.....	20
Figura 20 Garagem.....	21
Figura 21 Construções.....	22
Figura 22 Manta.....	23
Figura 23 Informática.....	24
Figura 24 Pintura.....	25
Figura 25 Placard.....	26
Figura 26 Placard.....	26
Figura 27 Chefe do dia.....	26
Figura 28 Quadro do tempo.....	26
Figura 29 Freguesia de S. Vicente.....	37
Figura 30 Escola Básica de Santa Zita	38
Figura 31 Biblioteca	40

Figura 32 Biblioteca	40
Figura 33 Salão polivalente	41
Figura 34 Unidade Multideficiência	41
Figura 35 Sala de TIC	42
Figura 36 Sala de fotocópias	42
Figura 37 Casa de banho para NEE	42
Figura 38 Espaço exterior	43
Figura 39 Campo de Futebol	43
Figura 40 Jogos tradicionais	43
Figura 41 Sala 6	45
Figura 42 Cabides	45
Figura 43 Planta da sala	46
Figura 44 Interior da sala de aula	46
Figura 45 Informática	47
Figura 46 Placard de trabalhos	48
Figura 47 Placard de inverno	48
Figura 48 Quadro de aniversário	49

Índice de tabelas

Tabela 1 – Número de crianças	27
Tabela 2 – Idade das crianças	28
Tabela 3 – Profissão dos pais	32
Tabela 4 – Crianças que usufruem da CAF	33
Tabela 5 – Rotina diária das crianças	35
Tabela 6 – Horário da escola	39
Tabela 7 – Horário letivo.....	39
Tabela 8 – Número de alunos	50
Tabela 9 – Idades do alunos	51
Tabela 10 – Profissão dos pais	56
Tabela 11 – Número de irmãos dos alunos.....	57
Tabela 12 – Alunos que usufruem do ATL	58
Tabela 13 – Horário semanal da turma.....	59

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Género do grupo das crianças	27
Gráfico 2 – Distribuição de idades do grupo	28
Gráfico 3 – Crianças que usufruem da CAF	33
Gráfico 4 – Género do grupo de alunos.....	50
Gráfico 5 – Distribuição de idades da turma	52
Gráfico 6 – Disciplina preferida do alunos.....	52
Gráfico 7 – Alunos que usufruem do ATL.....	58
Gráfico 8 – Ficha nº 1	96
Gráfico 9 – Ficha nº 2.....	97
Gráfico 10 – Ficha nº 3.....	98
Gráfico 11 – Prefixos mais utilizados	98
Gráfico 12 – Sufixos mais utilizados.....	99

Introdução

Durante o longo processo de formação, na área da educação, todas as etapas são fundamentais na construção de uma sólida, responsável e consciente preparação, com vista à futura integração no mundo do ensino.

O estágio é, na maior parte dos casos, o primeiro contacto que o estagiário tem com um grupo/turma, sentindo o peso da responsabilidade de planificar, lecionar e refletir com consciência sobre a sua ação, respondendo aos desafios e exigências com que se vai deparando. Poder-se-á afirmar que o estágio promove experiências no âmbito da educação que até aí, provavelmente, apenas tinha ficado pela teoria.

Decorrente desta fase, surge a elaboração do seguinte relatório, enquadrado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. A realização deste relatório documenta todas as atividades desenvolvidas ao longo da PES I e PES II, tal como todos os aspetos relevantes de serem salientados, tais como reflexões críticas sobre trabalho desenvolvido, conclusões, limitações e aprendizagens significativas para nós, futuras profissionais da educação. Como reitera Zeichner (1993), o professor não deve refletir apenas sobre o modo como aplica na sala de aula as teorias geradas noutros sítios, mas também deve criticar e desenvolver as suas teorias práticas à medida que reflete sozinho e em conjunto na ação e sobre ela. Por isso, ser educador/professor é uma atividade de extrema importância, sendo que a educação é algo que começa, mas nunca acaba.

Como foi previsto no início do estágio, a temática por mim escolhida, para aprofundamento no decorrer da prática pedagógica, foi na área de Português, especificamente, a formação de palavras. Assim sendo, foi este o tema trabalhado e analisado no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Desta forma, o corpo do presente relatório divide-se em três capítulos. Assim, o primeiro capítulo refere-se à contextualização da prática profissional, dando atenção ao meio envolvente, às suas potencialidades e crescimento que este possui para poderem ser utilizadas pela escola. Refere-se, ainda, à caracterização da escola e da sala de aula, com todos os recursos disponíveis que esta tem para o pleno desenvolvimento de atividades lúdicas e criativas, como a caracterização do grupo e da turma que

permitiram que todos os projetos fossem realizados. O segundo capítulo remete para a descrição e desenvolvimento da Prática Pedagógica Supervisionada nos dois níveis de ensino. Relativamente ao terceiro e último capítulo, contempla o estudo desenvolvido, bem como a metodologia aplicada, os indivíduos implicados, os instrumentos e técnicas utilizadas e seleccionadas para fundamentar a prática em questão.

Concluindo, este relatório apresenta as considerações finais e referências bibliográficas que serviram de suporte à elaboração desta temática.

I Capítulo

Enquadramento Institucional – Organização e Administração Escolar

Como reitera a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) (Lei nº46/1986 de 14 de outubro, art.1º), uma instituição escolar deve ser inclusiva, um local onde reine a igualdade de oportunidades, estabelecendo um carácter universal, obrigatório e gratuito, sendo *o sistema educativo um conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e democratização da sociedade.*

As instituições que frequentei durante os meses de estágio (PES I e PES II) pertencem à rede pública e localizam-se na cidade da Guarda, tendo decorrido o primeiro, PES I, no ensino pré-escolar, no Jardim de Infância das Lameirinhas, e o segundo estágio no ensino do 1º CEB, PES II, na Escola Básica de Santa Zita.

Assim sendo, o ponto que se segue faz referência às caracterizações do meio envolvente das instituições do ensino do pré-escolar e do ensino do 1º CEB, como também especifica o grupo/turma de trabalho durante o período de estágio.

1- Caracterização do meio envolvente

A cidade da Guarda¹, foi fundada a 27 de novembro de 1199, através do Foral de D. Sancho I (segundo Rei de Portugal). A sua fundação deve-se ao centro administrativo de comércio, organização e defesa da fronteira da Beira contra os reinos do centro da Península Ibérica, nomeadamente o Reino de Leão, Castela e Espanha. Terá sido a este propósito que se deve o nome Guarda.

Esta cidade é conhecida pela cidade dos cinco efes que a caracterizam e dos quais os guardenses se orgulham: Forte, Fria, Farta, Fiel e Formosa.

¹ Informação retirada do *site* da Câmara Municipal da Guarda
(<http://www.mun-guarda.pt/index.asp?idedicao=51&idSeccao=576&Action=seccao>)

Forte, porque constituiu uma fortaleza com as portas das muralhas, a Torre de Menagem e a Torre dos Ferreiros.

Fria, devido ao clima tipicamente montanhoso, onde as temperaturas médias em agosto não chegam aos 20° e as máximas são inferiores a 30°, ocorrendo algumas quedas de neve no inverno, sendo em média 14 dias por ano.

Farta, uma vez que a fertilidade do Vale do Mondego garante sabores divinos e mesas ricamente abastecidas.

Fiel, porque no século XIV o alcaide Álvaro Gil Cabral, fiel ao Mestre de Avis, durante a crise de 1383-85, negou-se a entregar as chaves da cidade da Guarda ao Rei de Castela.

Formosa, devido à beleza natural que a envolve.

Neste contexto, segue-se um poema da autoria de Nuno Montemor acerca de algumas características da cidade da Guarda.

*Minha terra alta de azul e neve,
Como te quero e tão mal te julgam!
Outros te dizem falsa porque lhes faltas
E só a mim te dás;
Chamam-te feia porque só a mim sorris
Mas, em paga, reconhecem-te forte
Porque me és fiel!
E se te encontram fria é no Inverno, quando te
Muito me tarda o meu amigo na Guarda
Despem,
Quando já não és farta porque lhe deste os frutos.*

Nuno de Montemor

A cidade da Guarda fica situada na Beira Alta (figura 1²), localizando-se na extremidade oriental do maciço, na vertente noroeste da cadeia montanhosa da Serra da Estrela, atingindo o ponto de maior altitude 1056 metros (sendo assim considerada a cidade

² Informação retirada de: www.google.pt: localização geográfica da guarda

mais alta de Portugal). Localizada a menos de quarenta e cinco quilómetros da fronteira com Espanha, tem uma área de 717,9 Km² e a população é de vinte e cinco mil, quinhentos e vinte residentes (dados do Censo de 2011). É de referir que nesta região se evidenciou ao longo do século XX o fenómeno do êxodo rural, detendo assim os maiores quantitativos demográficos regionais.

É sede de distrito com catorze concelhos (figura 2³), onde se reúnem, atualmente, cinquenta e seis freguesias (sendo três das principais, os urbanos, a da Sé, a de S. Vicente e a de S. Miguel). O concelho da Guarda faz fronteira com os concelhos de Celorico da Beira, Pinhel, Sabugal e Belmonte.

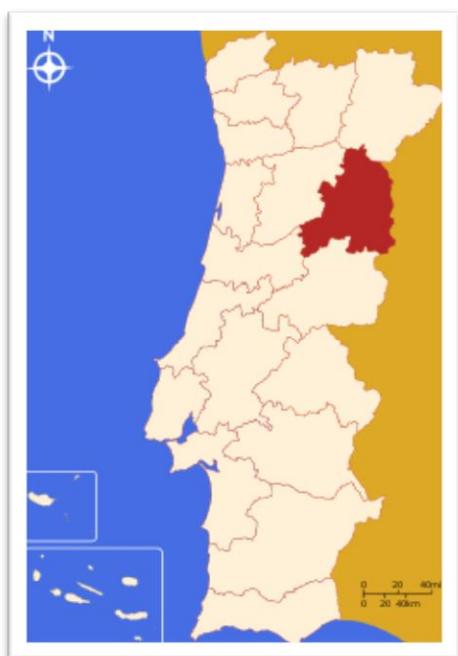


Figura 1 – Mapa de Portugal



Figura 2 – Mapa dos concelhos da Guarda

³ Informação retirada de: www.google.pt: mapa de concelhos da cidade da guarda

2- Caracterização do meio Pré-Escolar

Este ponto remete para a caracterização do meio escolar do Jardim de Infância das Lameirinhas, mais especificamente a sala de 5 anos, onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada I.

2.1- Objetivos gerais na educação Pré-Escolar

A educação Pré-Escolar é a primeira etapa de formação de um indivíduo, no qual pretende formar e desenvolver um cidadão autónomo.

Neste contexto, é pertinente encetar os principais objetivos⁴ definidos para a educação Pré-Escolar, tais como promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida social e democrática, ou contribuir para oportunidade de acesso à escola e sucesso na aprendizagem.

Deve-se incentivar a inserção da criança em grupos sociais diversos, de modo a contactar com diversas culturas e saber respeitá-las, como membro da sociedade. Estimular o desenvolvimento global da criança, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas.

Fomentar a expressão e a comunicação através de meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo e desenvolver a curiosidade e o pensamento crítico.

Em caso de crianças com inadaptações, deficiências ou precocidades deve-se dar a melhor orientação e conforto, assim como se deve promover a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações afetivas de colaboração com a família.

⁴ Informação retirada da Lei de Bases para a Educação Pré-Escolar.

2.2-Characterização do meio envolvente do Jardim de Infância das Lameirinhas

A Junta de Freguesia da Sé⁵ (figura 3⁶), com uma área de aproximadamente 19 quilómetros quadrados, localiza-se no Maciço Nordeste da Serra da Estrela. Situa-se na Zona Urbana da cidade da Guarda, fazendo fronteira com as freguesias de S. Vicente, S. Miguel da Guarda, Maçainhas de Baixo, Vale de Estrela, Aldeia do Bispo, Panóias de Cima, Vila Garcia e Casal de Cinza.



Figura 3 – Freguesia da Sé

Possui uma área total de 17,12 km², de 6 958 habitantes (2011) e a sua densidade é de 420 hab/km².

⁵ Informação retirada do *site* da Junta de Freguesia da Sé da Guarda (http://www.freg-seguarda.com/index.php?option=com_content&task=view&id=23&Itemid=29)

⁶ Informação retirada de: www.google.pt: freguesias da cidade da guarda

Esta freguesia (figura 4⁷) corresponde a uma das freguesias urbanas do concelho e a mais antiga das que integram a cidade da Guarda. O seu nome provém da própria catedral, situada no centro da Praça Luís de Camões e é, efetivamente, o berço da cidade que hoje se estende em redor e outras freguesias.



Figura 4 – Brasão Freguesia da Sé

Como se refere no *site* da Junta de Freguesia da Sé, esta freguesia apresenta como principais potencialidades o turismo e o pequeno comércio, embora se esteja a desenvolver.

Dado que o bairro das Lameirinhas pertence à freguesia da Sé, este disponibiliza todos os meios enunciados acima, visto situar-se no centro urbano da Guarda (figura 5⁸). Facilita, assim, a deslocação com o grupo de crianças para visitar áreas verdes, comércio, jardins, agrupamento de escolas Santa Clara, Teatro Municipal da Guarda Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, Sé Catedral, entre outros locais de referência.

Trata-se de um bairro bastante movimentado e ativo devido a todas as condições que oferece, não sendo, assim, apenas um bairro dormitório, sustentando ainda diversos postos de trabalho.



Figura 5 – Centro Urbano da Guarda

No que se refere ao clima, o bairro das Lameirinhas é uma das zonas climáticas mais hostis da cidade, em virtude de não haver proteção dos ventos vindos da Serra da Estrela.

⁷ Informação retirada de www.google.pt: Brasão da cidade da Guarda

⁸ Informação retirada de: www.google.pt: Bairro das Lameirinhas, Guarda

No ano letivo de 1986/87⁹ entrou em funcionamento o jardim de infância no edifício da escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, no bairro das Lameirinhas, ocupando parte do seu rés do chão e cave, com dois locais de atividades letivas. Este espaço foi todo adaptado ao ensino pré-escolar, já que este edifício não se encontrava adequado a crianças desta faixa etária, mas sim a crianças do 1º Ciclo.

2.3- Caracterização da Instituição

Como já referimos anteriormente, esta instituição, Jardim de Infância das Lameirinhas, encontra-se a funcionar no edifício da escola do 1º CEB de Lameirinhas desde 1986/87, ocupando parte do seu rés do chão e cave.

Recursos físicos e equipamentos

Espaço interior

Do Jardim de Infância fazem parte duas salas de atividades letivas, uma sala polivalente onde funciona a Componente de Apoio à Família (CAF), uma sala de educadores, uma sala de espera, as respetivas instalações sanitárias, uma arrecadação comum com a escola do 1º CEB, onde está instalada a caldeira de aquecimento para todo o edifício escolar.

Cada sala de atividade, com cerca de 63,1m², tem o chão revestido a madeira (tacos envernizados) e possui três janelas amplas para a frente do edifício e duas para trás. Existe uma área com uma banca de mármore e uma zona de água, sendo o chão de mosaicos, e mais utilizada em atividades de expressão plástica e pintura. O aquecimento das salas é a partir da caldeira central. Cada sala tem ainda uma pequena arrecadação.

A instituição possui, junto às salas de atividades, um pequeno átrio interior (figura 6), sendo o único espaço a utilizar quando o tempo está mau pelos dois níveis, ou seja, Jardim de Infância e 1º CEB. É, assim, um espaço comum, o que traz alguns inconvenientes, nomeadamente no acesso ao WC, ao telefone, à campainha do portão de entrada exterior, e à sala da CAF.

⁹ Informação disponibilizada pela Educadora.



Figura 6 – Átrio interior
Fonte: Própria

As instalações sanitárias, com 9,1m², comuns às duas salas, comportam três sanitas para crianças e uma para adultos, dois labados (figura 7) para crianças e um para adultos. O acesso é feito pelo átrio.



Figura 7 – Casa de banho
Fonte: Própria

Na ligação do átrio à escadaria que dá acesso à sala da CAF, está um pequeno *hall* com 7,8m². Junto a este, existe uma sala de apoio, com 5m² onde se atendem os encarregados de educação e/ou outros utentes e onde são feitas reuniões pontuais.

A sala da CAF (figura 8), com 69,8m², é onde se faz o acolhimento das crianças, o prolongamento de horário e funciona ainda como refeitório (nos lanches e almoço).



Figura8 – Componente de Apoio à Família
Fonte: Própria

Das instalações sanitárias da CAF fazem parte duas casas de banho, uma para crianças com necessidades educativas especiais (NEE), com 7,9m², com sanita (figura 9), e lavatório adaptado e outra, com uma área de 18m², que tem uma bancada com quatro lavatórios, quatro sanitas e um polibã.



Figura 9 – Casa de banho para NEE
Fonte: Própria

A sala das educadoras é onde se encontra o telefone e o arquivo, e é também onde se realizam as reuniões do pessoal docente e não docente.

A sala de espera é o local onde os pais esperam pelas crianças na hora de saída. É neste espaço que também se arruma o material de psicomotricidade. São ainda realizadas exposições temporárias dos trabalhos das crianças (figura 10).

Existe também uma área onde se encontram os cabides das crianças, onde colocam os casacos e as mochilas (figura 11).



Figura 10 – Sala de trabalhos
Fonte: Própria



Figura 11 - Cabides
Fonte: Própria

A arrecadação, na cave, é ampla e com duas divisões, comum ao Jardim de Infância e à escola do 1º CEB. Uma primeira divisão, mais pequena, é onde está instalada a caldeira

de aquecimento para todo o edifício escolar. A outra divisão de maior dimensão funciona como espaço amplo, onde é guardado o mobiliário e material escolar que é usado ocasionalmente.

Espaço exterior

Relativamente ao espaço exterior, este está vedado com gradeamento, é bastante amplo e constituído por um campo polidesportivo (figura 12), cercado de rede com piso de cimento. À volta do edifício existe um revestimento a tijoleira, havendo dois espaços com o chão de placas de espuma.



Figura 12 – Campo polidesportivo
Fonte: Própria

Atrás do edifício existem espaços destinados à jardinagem que, por não serem devidamente tratados, oferecem algum perigo ao nível da segurança, pois sempre que o tempo permite as crianças brincam no exterior. Este espaço encontra-se desprovido de qualquer tipo de equipamento necessário ao desenrolar das atividades no exterior, nomeadamente baloiços, escorregas, zonas que permitam à criança o contato com relva, água, zonas de sombra, horta. Apenas existe uma caixa de areia (figura 13).



Figura 13 Caixa de areia
Fonte: Própria

A instituição está equipada com sistema de emergência (porta, alarme de fumo, sinalização interior e exterior). A utilização de parte do espaço exterior (campo polidesportivo) está condicionada aos horários do 1º CEB.

O horário de abertura da instituição é às 07:45h e encerra às 18:45h.

2.4-Recursos humanos do Jardim de Infância

Os recursos humanos existentes no Jardim de Infância dividem-se em educadores de infância, assistente operacional, assistentes técnicas e representante dos pais.

Educadores de infância

A docência é assumida por duas educadoras de infância do quadro de agrupamento de Escolas da Área Urbana da Guarda, Amélia Maria Grilo Pascoal Gonçalves, responsável pela instituição e titular do grupo de cinco anos, e Maria da Purificação de Sousa Monteiro, titular do grupo de três e quatro anos. Faz parte também dos recursos deste jardim uma docente de Educação Especial e uma Terapeuta da Fala, do Agrupamento de Escolas da Área Urbana da Guarda, que dão apoio a uma criança de cinco anos com NEE.

Assistente operacional

A instituição conta com uma assistente operacional, Maria de Lurdes Mendes Martins Teixeira, que dá apoio às duas salas, assegurando ainda a limpeza das mesmas e dos espaços comuns, interiores e exteriores. Colabora no acolhimento das crianças, em momentos de entrada e saída sempre que necessário.

Assistentes técnicas

Na componente de apoio à família, existem três assistentes técnicas do quadro de pessoal da Câmara Municipal da Guarda, e duas auxiliares colocadas através do Centro de Emprego (POC). Uma assegura o acolhimento das crianças, o serviço de almoço, o prolongamento de horário e a limpeza das respetivas instalações e outra está como auxiliar da sala dos cinco anos. Durante este ano letivo (2011/2012), uma das assistentes técnicas beneficiará do estatuto de trabalhador estudante, tendo uma redução de uma hora diária.

Representantes dos pais

Para uma maior articulação entre os vários agentes de educação e uma melhor participação dos pais na gestão do Jardim de Infância, a assembleia de pais elegeu dois representantes, um por cada sala.

2.5- Caracterização da sala

É uma sala extremamente organizada e funcional, o que permite maior facilidade na deslocação das crianças e adultos. Tem boa luminosidade proveniente das quatro janelas que possui, duas delas viradas para a parte frontal do jardim e outras duas para a parte de trás. Existem também vários armários de arrumação de materiais e uma pequena arrecadação que permite sempre ter os materiais próximos para a realização das diversas atividades.

A sala dos cinco anos do Jardim de Infância de Lameirinhas encontra-se dividida em diversos espaços, mais conhecidos no pré-escolar por (...) *áreas de interesse, que estão organizadas de forma a ter em conta aspetos práticos, bem como as mudanças de interesse das crianças nas actividades* (Educar a criança, 1997: 163). Estes espaços estão organizados da seguinte forma (figura 14):

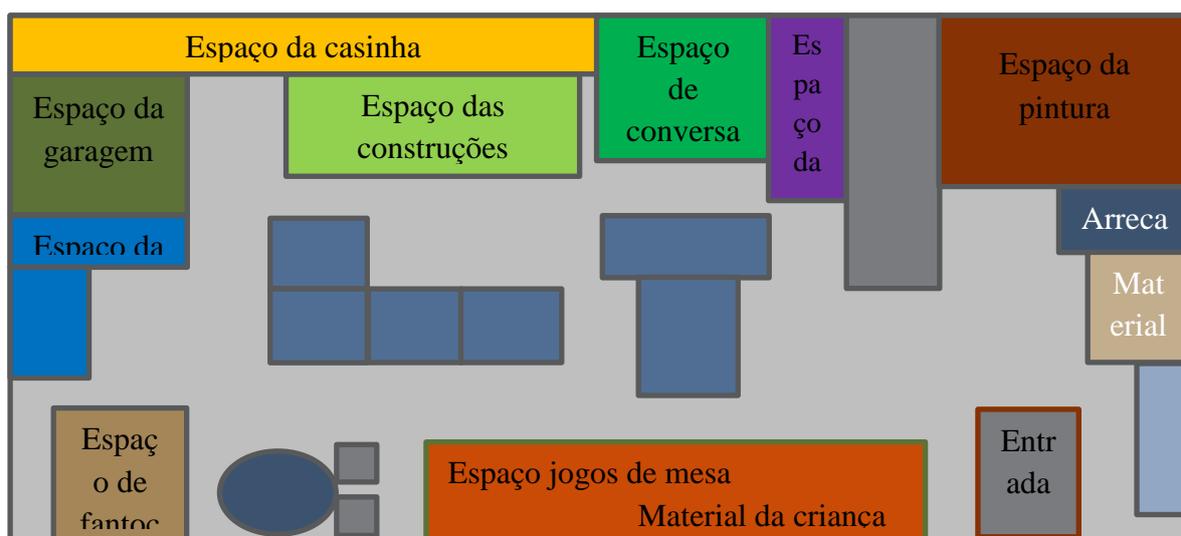


Figura 14 – Planta da Sala
Fonte: Própria

Área dos jogos de mesa

Nesta área estão contemplados diversos jogos: dominós, *puzzles*, formas geométricas, cartas, jogos de enfiamento, blocos lógicos, encaixes, jogos de memória, de correspondência, entre outros (figura 15). Todos estes jogos se encontram organizados na estante de acordo com a sua finalidade e são trabalhados nas mesas de forma retangular e quadrangular que existem na sala.



Figura 15 – Jogos de Mesa
Fonte: Própria

Esta área tem os seguintes objetivos e regras:

Objetivos:

- Desenvolver a concentração;
- Desenvolver o raciocínio lógico-matemático;
- Conhecer a finalidade de cada jogo e conseguir alcançá-la;
- Inculcar a responsabilidade de levar um jogo até ao fim;
- Responsabilizar para a arrumação correta dos jogos;
- Sensibilizar para a conservação dos jogos;
- Conhecer as regras de cada jogo;
- Identificar as cores e formas.

Regras:

- Devemos pedir ajuda quando não sabemos fazer ou arrumar um jogo;
- Devemos tratar bem dos jogos;

- Não devemos misturar as peças dos jogos.

Área dos fantoches

Desta área fazem parte um fantocheiro, diversos fantoches, uma mesa e duas cadeiras onde se pode sentar o “público” para assistir ao “espetáculo” (figura 16).



Figura 16 - Fantocheiro
Fonte: Própria

Objetivos:

- Fomentar a criatividade;
- Desenvolver o interesse pela expressão dramática;
- Trabalhar com fantoches;
- Estimular a contagem e recontagem de histórias inventadas ou ouvidas.

Regras:

- Devemos tratar bem os materiais que utilizam;
- Podem estar apenas duas crianças nesta área;
- Tirar da gaveta só fantoches a ser utilizados.

Área da leitura

Esta área contém uma manta, um banco e uma estante com livros, não sendo estes muito variados (livros de contos, livros construídos pelas próprias crianças, livros didáticos) (figura 17), pois a escola possui uma pequena biblioteca que pertence ao 1º CEB à qual a educadora poderá recorrer, para explorar melhor as histórias e contacto com livros.



Figura 17 – Leitura
Fonte: Própria

Objetivos:

- Desenvolver o respeito pelo espaço do outro;
- Sensibilizar para a conservação do material existente;
- Desenvolver a concentração e a atenção;
- Desenvolver o gosto pela leitura;
- Desenvolver a expressão oral;
- Desenvolver a linguagem: pronúncia, dicção.

Regras:

- Devemos respeitar os outros;
- Devemos falar baixo;
- Precisamos de ser cuidadosos com os livros;
- Folhear devagar;
- Ver um livro de cada vez;
- Não tirar os livros aos colegas;

- Não pôr os livros no chão;
- Apenas podem estar duas crianças nesta área em simultâneo.

Área da casinha

Esta área é constituída por: *nenucos*, cama (com lençóis e colchas), armários, espelho, tábua de passar a ferro, ferro de engomar, cabide com roupas, rádio, máquina de lavar roupa, vassoura, pá, cozinha (mesa, cadeiras, avental, lava-loiça, fogão, pratos de plástico, panelas, talheres, alimentos (tudo de plástico), e outros utensílios de cozinha). É de referir que nesta área todos os materiais são de madeira, excetuando a tábua de passar a ferro e os já mencionados em cima. Estes materiais de madeira têm todos as esquinas polidas, para segurança das crianças (figuras: 18, 19).



Figura 18 - Casinha
Fonte: Própria



Figura 19 - Casinha
Fonte: Própria

Objetivos:

- Desenvolver o gosto pelo faz de conta;
- Reproduzir papéis sociais;
- Respeitar o papel representado pelo outro;
- Saber as funções de cada espaço da casinha;
- Desenvolver a criatividade.

Regras

- Apenas podem brincar 4 crianças, com a devida autorização e colocando o seu nome no dia e no período (manhã/tarde) em que está a utilizar o espaço.
- Não se pode fazer barulho;
- Devemos arrumar os brinquedos depois de brincar;
- Não devem sair do espaço os materiais (bonecas, loiça...).

Área da garagem

Este espaço tem como material: carrinhos, aviões, helicópteros, suportes de madeira com rampas e um tapete grande com desenhos de várias estradas. Nesta área, os objetivos acabam por ser os mesmos da área referida anteriormente, uma vez que se trata igualmente de um espaço onde o “faz de conta” impera. As regras também são semelhantes, mas em vez de quatro crianças só podem estar três, sendo que uma delas tem de ser uma menina (figura 20).

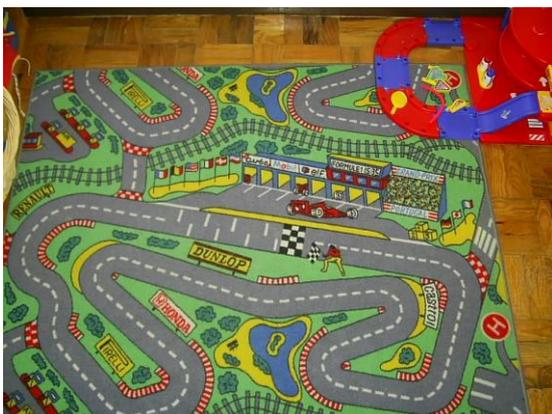


Figura 20 – Garagem
Fonte: Própria

Área das construções

Nesta área encontra-se uma manta e várias caixas com legos. Pode pensar-se, por ser uma área pequena em relação às outras, que não tem muita importância, mas não é de todo verdade. Implícitos estão diversos objetivos (figura 21).



Figura 21 - Construções
Fonte: Própria

Objetivos:

- Fomentar o raciocínio lógico – matemático;
- Desenvolver a motricidade global e fina;
- Desenvolver a montagem e o encaixe de peças.

Regras:

- Devemos preservar o material;
- Apenas podem estar três crianças.

Área de conversa “Manta”

Esta área contempla apenas uma manta, um mapa-mundo e um quadro branco (figura 22), mas é uma das áreas mais importante da sala. É aqui que se fazem as reuniões em grande grupo, onde se cumpre as rotinas diárias e onde são planeadas as atividades a curto, médio e longo prazo. É neste espaço que têm início geralmente as atividades propostas quer pela educadora, quer pelas crianças e quer mesmo por nós estagiárias. Funciona como uma espécie de “ponto de encontro” para as crianças se concentrarem na realização das atividades.



Figura 22 - Manta
Fonte: Própria

Objetivos:

- Fomentar o diálogo;
- Desenvolver a concentração;
- Trabalhar o respeito pelo outro;
- Cumprir as rotinas.

Regras:

- Sentados com pernas à “chinês” e braços cruzados;
- Devemos estar em silêncio;
- Devemos falar só na sua vez;
- Temos de ouvir as outras crianças, educadora e estagiárias.

Área da informática

É constituída por um computador, destinado para o uso dos adultos e das crianças. Possui um teclado, um rato, uma impressora (figura 23).



Figura 23 – Informática
Fonte: Própria

Objetivos:

- Desenvolver o contacto com as novas tecnologias;
- Fomentar diferentes tipos de escrita;
- Desenvolver o controlo motor;
- Visualizar várias atividades em suporte digital;
- Executar diferentes tarefas.

Regras:

- Apenas podem estar duas crianças;
- Devemos cuidar do material informático.

Área da pintura

Esta é uma das áreas que se enquadra na expressão plástica. Contém um cavalete de pintura, dois aventais, tintas, pincéis e folhas (figura 24).



Figura 24 – Pintura
Fonte: Própria

Objetivos:

- Estimular a criatividade;
- Desenvolver diferentes tipos de expressão;
- Fomentar o desenho livre;
- Desenvolver a pintura.

Regras:

- Apenas podem estar duas crianças neste cantinho;
- Colocamos sempre o avental antes de iniciar a pintura;
- Utilizamos um pincel para cada tinta.

Para além de tudo isto, a sala contém mesas de madeira onde são realizadas a maior parte das atividades orientadas e livres.

No que se refere à organização temporal da sala, esta contém diversos placares onde estão expostos os trabalhos das crianças, que ao longo do ano vão sendo substituídos à medida que se realizam novas atividades (figuras:25 e 26).



Figura 25 - Placard
Fonte: Própria



Figura 26 - Placard
Fonte: Própria

Contém ainda dois calendários mensais. Num deles é registrado o dia em que se encontram e, no outro, onde o chefe do dia coloca o seu nome (figura 27), o quadro de presenças, os aniversários, quadro com as regras da sala, e o quadro do tempo (figura 28). O chefe do dia é que marca o tempo e a marcação das presenças é realizada de forma autónoma pelas crianças.

O RESPONSÁVEL						
MÊS DE MARÇO						
1ª FEIRA	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	SEXADA	SABADO
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Figura 27 – Chefe do dia
Fonte: Própria



Figura 28 – Quadro do tempo
Fonte: Própria

2.5- Caracterização do grupo

No Jardim de Infância das Lameirinhas, o grupo da sala de cinco anos é constituído por catorze crianças, sendo nove do sexo feminino e cinco do sexo masculino (tabela 1).

São sete crianças de etnia cigana e uma criança apresenta necessidades educativas especiais. Destas crianças, seis frequentam pela terceira vez esta instituição e oito pela segunda vez.

A maioria reside na cidade da Guarda e são oriundas da freguesia da Sé, à qual pertence o bairro das Lameirinhas, à exceção de duas crianças que residem respetivamente em Vale de Estrela (sendo transportada pelos serviços da autarquia) e outra na Aldeia do Bispo.

É importante referir que duas das crianças inscritas no jardim de infância nunca o frequentaram. Só estivemos em contacto com doze crianças.

Menina	Menino	Total
9	5	14

Tabela 1 – Número de crianças

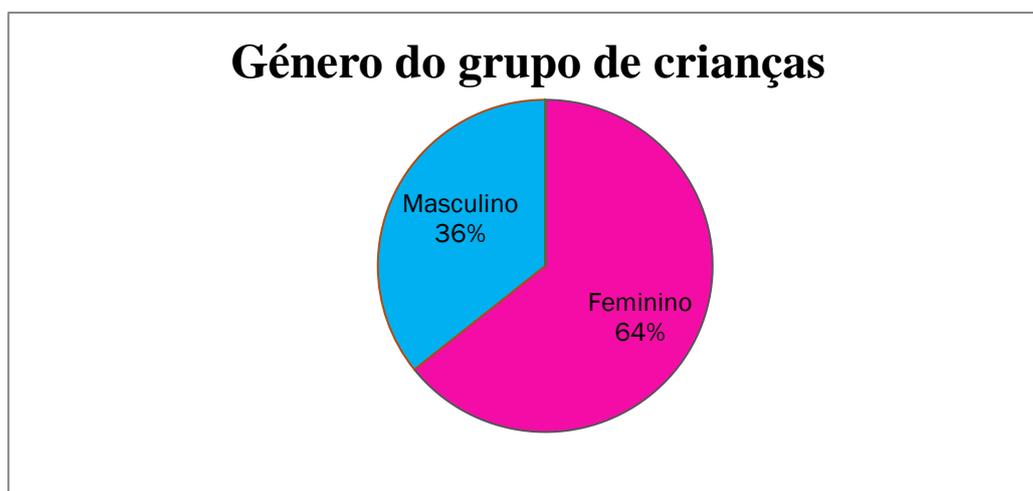


Gráfico 1 – Género do grupo das crianças

Através da observação do gráfico 1, podemos verificar que se trata claramente de um grupo em que o sexo feminino é predominante.

Em termos de idade é um grupo homogéneo, pois as idades variam entre cinco e seis anos. Todas nasceram no ano de 2006, mas estão compreendidas ao longo dos doze meses (tabela 2).

Nome da criança	Data de nascimento
JP	09/01/2006
LP	27/01/2006
SC	17/03/2006
MF	18/04/2006
IP	12/06/2006
FA	30/06/2006
NA	15/07/2006
MP	08/08/2006
GO	13/09/2006
GB	08/10/2006
FF	26/10/2006
MP	28/10/2006
VS	20/11/2006
MB	10/12/2006

Tabela 2 – Idade das crianças

Através na análise (gráfico 2), verificamos que mesmo com o ano letivo a acabar, a maior parte das crianças ainda se encontram com cinco anos de idade. Como referimos anteriormente, a média de idade do grupo é 5/6 anos. Três das crianças com cinco anos vão continuar a frequentar o Jardim de Infância, ou seja, não transitaram para a escola do 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB).



Gráfico 2 - Distribuição de idades do grupo

Apesar de ser um grupo homogéneo em termos de idade, é, no entanto, um grupo bastante heterogéneo em termos de desenvolvimento, conhecimentos, vivências, interesses e necessidades. Mas, de uma maneira geral, são crianças meigas, sociáveis, com hábitos de trabalho, exceto algumas crianças de etnia cigana que por faltarem frequentemente, não conseguem ter o mesmo ritmo do resto das crianças que diariamente vêm ao Jardim de Infância.

Globalmente, a motivação deste grupo tem de ser feita através de pequenas histórias, de materiais e situações concretas do dia a dia. A maioria tem como atividade preferida o jogo simbólico na casinha das bonecas e na garagem.

Autonomia

No que concerne à autonomia, o grupo revela ser autónomo a nível físico. Vai à casa de banho sem supervisão e faz toda a higiene sem ajuda, embora ainda sinta dificuldades na coordenação motora, como é notório quando têm de apertar os atacadores.

Na deslocação pelos espaços da sala também revelam elevado grau de autonomia, pois dirigem-se para as áreas de interesse sem qualquer dificuldade.

Relações sociais

Ao nível das relações sociais, as crianças encontram-se num meio adequado e que as favorece. Algumas vezes, a maior dificuldade que o grupo tem é partilhar com os outros, revelando que algumas crianças ainda se encontram num período de egocentrismo, sendo, por vezes, necessária a intervenção de um adulto para mediar o conflito. Gerir o grande grupo de emoções, de aceitação do outro, de partilha de espaço e materiais, de atenção individualizada, torna-se, por vezes, complicado. É necessário que a criança evolua nos seus estádios a fim de estas características darem lugar a atitudes mais tolerantes, participativas, responsáveis e amigas dos outros.

É um grupo muito extrovertido e irrequieto, mas, no entanto, tem a capacidade de aceitação de regras e o seu cumprimento. Percebem a razão das normas que existem para a vivência em grupo, devendo-se isto ao facto de a educadora ter trabalhado desde início sobre estes princípios.

Linguagem

Este grupo possui crianças com algumas dificuldades a nível da linguagem. Substituem ou omitem fonemas das palavras, têm dificuldades de dicção, articulação de palavras e na construção frásica, evidenciando também dificuldades em relatar factos, acontecimentos e recontar histórias com uma sequência lógica.

É bom frisar que na descrição anterior não estão englobadas todas as crianças do grupo, mas algumas exceções. No geral, o grupo comunica com facilidade.

Escrita

Ao nível da escrita, algumas crianças apresentam dificuldades em redigir o seu nome e a data, sendo necessário recorrer ao copo com o seu nome escrito e ajuda de um adulto para registar a data, denotando-se estes casos nas crianças de etnia cigana que não vão com frequência ao Jardim de Infância. As restantes crianças conseguem fazer este tipo de atividade sem dificuldade. Relativamente à escrita de novas palavras, a maioria das crianças não conseguem redigi-las sem que as estejam a visualizar.

Executam registos das diversas atividades de acordo com a informação que detêm e, através dos registos, percebe-se claramente a que atividade se referem.

Motricidade

As crianças manejam o lápis e o pincel com bastante destreza. Para algumas, a maior dificuldade é o recorte com a utilização da tesoura. Muitas delas recorrem à picotagem, pois é-lhes mais fácil a utilização do pingo. Tanto a motricidade global como fina, no seu todo, encontram-se adequada às idades do grupo.

Expressão Musical

São crianças que gostam muito de cantar e mimar as canções, notando-se uma ligeira dificuldade no batimento rítmico. A música transmite emoções, sublinha experiências e marca ocasiões pessoais e históricas, tornando-se, assim, numa forma lúdica de aprender.

As crianças participam com entusiasmo nas atividades de coordenação motora, expressando-se bem através dos movimentos, necessitando, por vezes, de orientação

para se movimentar sequencialmente de acordo com um compasso definido e ao som da música.

Raciocínio lógico-matemático

A este nível verificamos que a maior parte das crianças, ou mesmo todos, são capazes de realizar este tipo de jogos. Conseguem classificar, distinguir tamanhos e formas e já compreendem noções como quantidade, tempo e espaço.

É um grupo que gosta de participar em jogos, principalmente quando um adulto também colabora. São crianças interessadas e motivadas para a execução das diversas atividades, mantendo um nível de concentração bastante elevado. Deste grupo faz parte uma criança com NEE.

A criança possui perturbações do espectro de autismo (PEA). Este tipo de dificuldades afeta principalmente as áreas da comunicação, interação social e comportamento. É o terceiro ano consecutivo que frequenta o Jardim de Infância da Lameirinhas. No ano letivo 2009/2010, foi-lhe diagnosticada esta dificuldade. Desde então, usufrui do plano educativo individualizado (PEI), tendo necessidade de respostas educativas diferenciadas. Para tal, está enquadrado numa equipa multidisciplinar da qual fazem parte a educadora de infância titular do grupo, docentes de educação especial (apoio pedagógico especializado), terapeuta da fala, profissionais de saúde e os pais.

Neste momento, está perfeitamente enquadrado no grupo e mostra progresso de dia para dia. Realiza todas as atividades que as restantes crianças executam, atendendo sempre às suas limitações e capacidades.

Família

Para se caracterizar o grupo é necessário atender às particularidades do seu agregado familiar, já que estes são o primeiro agente de socialização que a criança conhece e, juntamente com toda a comunidade educativa, faz parte do processo de ensino e aprendizagem.

Há grande discrepância no grupo dos pais. As idades destes variam entre os vinte e sete e os quarenta e três anos, enquanto as mães têm idades compreendidas entre os vinte e dois e os quarenta e dois anos.

A maioria dos pais trabalha fora de casa, o que dificulta a gestão de tempo de acordo com as dos filhos.

A nível socioeconómico, as famílias das crianças da sala dos cinco anos pertencem a uma classe média-baixa com algumas exceções (tabela 3).

Nome	Profissão do Pai	Profissão da Mãe
JP	Feirante	
LP	Empresário	Escriturária
SC		Empregada de comércio
MF	Feirante	
IP	Feirante	Feirante
FA	Engenheiro informático	Engenheira de energias renováveis
NA	Desempregado	Desempregada
MP	Feirante	Feirante
GO	Motorista	Doméstica
GD	Empresário	Enfermeira
FF	Feirante	
MP	Feirante	
VS	Feirante	
MB	Eletricista	Administrativa

Tabela 3 – Profissão dos pais

As habilitações literárias dos pais variam entre o 4º ano de escolaridade e a licenciatura. Relativamente ao agregado familiar, o número de elementos predominante é de três ou quatro pessoas, à exceção de algumas famílias de etnia cigana.

Componente de apoio à família (CAF)

A componente de apoio à família corresponde ao serviço de receção das crianças, do almoço e às atividades desenvolvidas para além das cinco horas letivas diárias. O objetivo é apoiar as famílias (tabela 4).

Crianças que usufruem da componente de apoio à família

Nome da Criança	Almoço	Prolongamento de horário
JP	X	
LP	X	X
SC	X	X
MF	X	
IP	X	
FA	X	
NA	X	
MP	X	
GO		X
GD	X	X
FF	X	
MP	X	
VS	X	
MB	X	X

Tabela 4- Crianças que usufruem da CAF

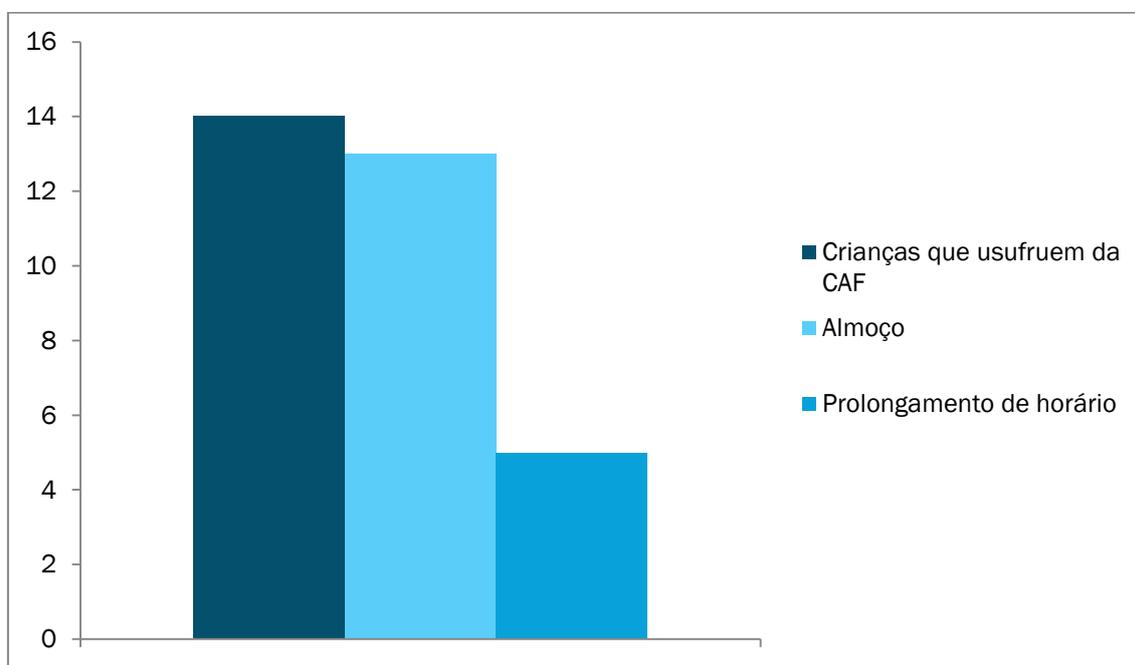


Gráfico 3 – Crianças que usufruem da CAF

Todas as crianças usufruem da componente de apoio à família, mas nem todos usufruem das duas opções que esta dispõe. Só treze das catorze crianças almoçam no Jardim de Infância e apenas cinco ficam na CAF para o prolongamento de horário (gráfico 3).

2.6- Rotina diária

Tabela da rotina diária do grupo

Horas	Local	Atividade	Iniciativa
07:45	Sala da CAF	Acolhimento	Auxiliares de ação educativa e animadoras
09:00 – 09:45	Sala – área de jogos de mesa	Marcação das presenças pelas próprias crianças, jogos de mesa	Educadora e crianças
09:45 – 10:15	Sala – área de reunião (tapete)	Diálogo / conversação	Educadora e crianças
10:15	Casa de banho	Higiene	Crianças, educadora e auxiliar
10:20	Refeitório (CAF)	Lanche*	Crianças e auxiliares de ação educativa
10:30		Recreio	Crianças e auxiliares de ação educativa
10:45	Sala	Atividade orientada e atividade livre	Educadora e as crianças
11:50	Casa de banho	Higiene	Crianças, educadora e auxiliar
12:00	CAF	Almoço	Crianças e animadoras

14:00	Sala – área de reunião (tapete)	Diálogo	Educadora crianças	e
14:15	Sala	Atividade orientada e atividade livre	Educadora crianças	e
15:35	Sala – área de reunião (tapete)	Conversação	Educadora crianças	e
15:50	Casa de banho	Higiene	Crianças, educadora e auxiliar	
16:00	CAF	Lanche	Crianças animadoras	e

Tabela 5 - Rotina diária das crianças

Nota: Esta rotina é alterada às segundas-feiras no período da manhã, devido à deslocação do grupo à piscina Municipal da Cidade da Guarda.

3- Caracterização do meio escolar – 1º Ciclo do Ensino Básico

Este ponto remete para a caracterização do meio escolar da Escola Básica de Santa Zita, da instituição e, especificamente, da turma do 2º ano da sala C33, onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada II.

3.1-Objetivos gerais do 1º Ciclo do Ensino Básico

A Lei de Bases do Sistema Educativo define alguns objetivos¹⁰ que acompanham um indivíduo durante processo de formação durante o seu percurso escolar. Desta forma, a seguir, enumero os principais objetivos que vêm inscritos nos artigos 7º e 8º artigos da Lei nº 46/86 – Lei de Bases do Sistema Educativo, que prevê assegurar a boa formação de um aluno, de modo a este ser crítico em tudo o que faz, quer seja na prática como na teoria de dado assunto do quotidiano, quer da cultura escolar.

Ao aluno também se devem proporcionar e desenvolver atividades manuais e promover a educação artística, como também se deve desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas.

Oferecer a aquisição dos conhecimentos básicos que permitam o prosseguimento de estudos ou a introdução do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo.

Às crianças com necessidades educativas especiais, nomeadamente, deficiências físicas e mentais, devem-se proporcionar condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades.

A escola também deve fomentar o gosto por uma constante atualização de conhecimentos, sugerir, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral.

¹⁰ Informação retirada da Lei de Bases do Sistema Educativo no 1º CEB

3.2- Caracterização do meio escolar da Escola Básica de Santa Zita

A freguesia de S. Vicente¹¹ é uma das três freguesias da Guarda. Ocupa uma área de 1.025 km², na qual vivem 12.800 habitantes (figura 29¹²).



Figura 29 – Freguesia de S. Vicente

A freguesia de S. Vicente¹³ (figura¹⁴) é uma das poucas freguesias portuguesas territorialmente descontínuas, consistindo em duas partes de extensão muito diferentes: a parte principal (concentra 90% do território da freguesia) e um pequeno enclave (lugar da Quinta dos Coviais de Baixo) a leste, separado do corpo principal pela Freguesia da Sé.

A história da freguesia de S. Vicente anda de mãos dadas com a história da cidade, destacando-se o facto do fenómeno da Judiaria que lhe é própria e conferiu um toque particular de convivência / conflito. O foral concedido por D. Sancho refere a presença dos Judeus na Guarda. No Foral outorgado por D. Manuel I chega-se mesmo a localizar e descrever as casas da Judiaria. As casas da Judiaria eram baixas, térreas ou de um andar, tipo da casa portuguesa.

¹¹ Informação retirada do *site* da Junta de Freguesia de S. Vicente (<http://www.patrimonio-turismo.com/juntas/zoom.php?identifx=650>)

¹² Informação retirada de: www.google.pt: freguesias da cidade da Guarda

¹³ Informação retirada do *site* da Junta de Freguesia de S. Vicente (<http://www.patrimonio-turismo.com/juntas/zoom.php?identifx=650>)

¹⁴ Informação retirada de: www.google.pt: Brasão da freguesia de S. Vicente da Guarda

3.3- Caracterização da Instituição

A Escola Básica de Santa Zita (figura 30)¹⁵ situa-se na rua Pedro Álvares Cabral, e é uma das catorze escolas que pertencem ao Agrupamento de Escolas de Afonso Albuquerque.



Figura 30 – Escola Básica Santa Zita

No meio urbano¹⁶ concentra-se a maior taxa de frequência nos diferentes níveis de ensino do Agrupamento. Não muito distantes uns dos outros, encontram-se os três Jardins de Infância, as sete Escolas do 1º Ciclo e a Escola sede do Agrupamento de Santa Clara. No entanto, recentemente, a sede do agrupamento mudou para o Agrupamento de Escolas Afonso Albuquerque, situada na Rua Avenida Dr. Afonso Costa, estabelecimento com uma larga história de ensino na cidade da Guarda.

As Escolas do 1º Ciclo encontram-se instaladas em edifícios com projetos arquitetónicos diferenciados e construídos em épocas diferentes, especificamente para o ensino.

No que se refere à escola básica de Santa Zita¹⁷, a sua construção obedece ao tipo CU3 (Plano de Centenários Urbano) e encontra-se a funcionar desde o ano letivo de 1971/1972, sendo que os espaços exteriores só a partir do ano letivo de 2000/2001 é que se encontram em condições favoráveis ao seu devido aproveitamento.

¹⁵ Informação retirada de: <http://www.bmel.pt/a-guarda-em-letras/bibliotecas-escolares/84-be-santazita>

¹⁶ Projeto educativo

¹⁷ Documentos fornecidos pela professora

Como refere Alarcão, *não podemos ignorar que a escola, seja quais forem as suas características, a sua estrutura, o seu tipo de gestão e o número de alunos, tem ainda uma influência decisiva no desenvolvimento e na aprendizagem dos educandos e dos educadores, mas na sua própria transformação e transformação da sociedade em que ambos estão inseridos*, (Alarcão, 2005: 144).

Neste momento, encontra-se a funcionar com 140 alunos, distribuídos por sete turmas, sendo duas turmas de 1º ano, em que numa delas contém alunos de 3º ano, dado ser uma turma com poucos alunos, duas turmas de 2º ano, uma turma de 3º ano e duas turmas de 4º ano, com o seguinte horário de funcionamento (tabela 6).

Horário		
Manhã	08:30	12:30
Tarde	14:00	18:00

Tabela 6 - Horário da escola

No que diz respeito ao horário letivo, a escola seguiu as diretrizes vindas do Ministério da Educação, como se verifica na seguinte tabela (tabela 7).

Períodos letivos	Início	Termo
1º	Entre 10 e 14 de setembro de 2012	14 de dezembro
Pausas letivas	17 de dezembro de 2012	2 de janeiro de 2013
2º	3 de janeiro de 2013	15 de março de 2013
Pausas letivas	11 de fevereiro de 2013	13 de fevereiro de 2013
3º	2 de abril de 2013	14 de junho de 2013
Pausas letivas	18 de março de 2013	1 de abril de 2013

Tabela 7 - Horário letivo

Relativamente aos conteúdos programáticos para o ano letivo em vigor, ano letivo 2012/2013, a escola seguiu o documento redigido pelo agrupamento de escolas da área urbana da Guarda, com sede na escola de Santa Clara. Segue, também, um plano de atividades, no qual estão mencionadas várias atividades comemorativas. A Escola faz também parte de um projeto “Leitura em rede”, em que também participam outras

escolas do agrupamento. No que se refere à avaliação dos alunos, a escola segue também as diretrizes do agrupamento.

Recursos físicos e equipamentos

Espaço interior

No que concerne à estrutura da escola do 1º Ciclo da Santa Zita, esta é constituída por três pisos, distribuídos por rés do chão, 1 e 2º andar.

O rés do chão é composto pela biblioteca Virgílio Afonso (figuras 31 e 32), que desde 2002 passou a pertencer à rede de bibliotecas escolares. Ocupa uma área de 77m², distribuídos pelas várias áreas como: receção/acolhimento, leitura informal e periódicas, leitura de documentos impressos, leitura de vídeo, leitura e produção multimédia e trabalho de grupo. Está equipada com mobiliário apropriado para o espaço, sendo o chão revestido de madeira (tacos envernizados) e possui algumas janelas para a frente do edifício. Encontra-se aberta durante todos os dias da semana com o horário das 9h às 12h e das 14h às 17h30 minutos e dispõe de uma sala de arrumos. A biblioteca era também local onde se elaborava o jornal da escola “Desejo de voar”, que neste momento se encontra inativo por falta de incentivos e de disponibilidade por parte dos professores e alunos.



Figura 31 - Biblioteca
Fonte: Própria



Figura 32 - Biblioteca
Fonte: Própria

Através da biblioteca, beneficia-se de uma passagem para o salão polivalente, com cerca de seis aquecedores, sete janelas amplas que conferem grande luminosidade, o chão revestido de tijoleira, três pilares numa parte do salão, bem como uma porta com uma passagem que faz ligação ao interior da escola. Este é utilizado quando as condições

atmosféricas não são favoráveis a que os alunos brinquem a rua, fazendo também parte do salão uma sala onde estão armazenados os materiais para as aulas de Expressão Físico-Motora (figura 33).



Figura 33 – Salão Polivalente
Fonte: Própria

Este piso usufrui ainda da unidade de multideficiência (figura 34), uma casa de banho para os rapazes e um *hall* e escadaria que fazem ligação como 1º piso.



Figura 34 – Unidade Multideficiência

Relativamente ao 1º piso, é constituído por um *hall*, um corredor onde se localizam as cinco salas de aula, duas das salas estão equipadas com retroprojektor e quadro interativo. Destas cinco salas só três estão a funcionar com turma. A outra destina-se ao apoio educativo e a outra como sala de professores. Neste piso está também a sala da coordenadora, uma sala para as assistentes operacionais, uma casa de banho para adultos e uma escadaria de acesso ao 2º piso.

No que concerne ao segundo piso, é constituído por um *hall* e corredor, de acesso às cinco salas de aula. Quatro delas com turmas, sendo que uma delas possui retroprojektor e quadro interativo. A quinta funciona como centro de recursos TIC para a Educação Especial (figura 35). Nesta sala trabalham duas Educadoras de Educação Especial que adaptam e avaliam o material didático para as crianças com multideficiência a nível do distrito da Guarda.



Figura 35 – Sala de TIC
Fonte: Própria

Contém ainda um centro de cópias (figura 36), uma sala das assistentes operacionais, uma casa de banho para meninas, casa de banho adaptada para crianças com deficiência (figura 37) e uma casa de banho para adultos.



Figura 36 – Sala de cópias
Fonte: Própria



Figura 37 – Casa de banho para NEE
Fonte: Própria

Espaço exterior

No que se refere ao espaço exterior, este está vedado com gradeamento em ferro. É bastante amplo, sendo todo o edifício rodeado por jardim e bons acessos a todos os pisos em paralelo. A escola tem três entradas, duas que dão acesso direto ao rés do chão, e a entrada superior ao nível do 2º piso (figura 38).



Figura 38 – Espaço exterior
Fonte: Própria

No que concerne às áreas de lazer construídas propositadamente para proporcionar atividades lúdicas aos alunos, o espaço exterior contém um campo de futebol vedado com rede (figura 39), espaço para a prática de basquetebol, uma caixa de areia, espaço para jogos tradicionais e dois espaços apetrechados com aparelhos de madeira (figura 40), um com piso de borracha e outro revestido com areia.



Figura 39 - Campo de futebol
Fonte: Própria

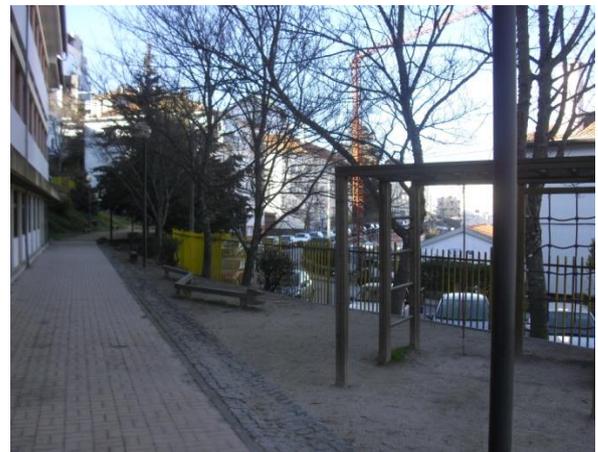


Figura 40 - Jogos tradicionais
Fonte: Própria

A instituição está também equipada com sistema de emergência (porta, alarme de fumo, sinalização interior e exterior). Em todos os pisos encontramos este tipo de equipamentos que nos dão acesso à parte exterior da escola.

3.4-Recursos humanos da Escola do 1º CEB

Os recursos humanos existentes na escola dividem-se em professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, Professores de Educação Especial, Educadores do Ensino Especial, Professores das Atividades Extracurriculares (pessoal docente) e assistentes operacionais (pessoal não docente).

Pessoal docente

No que diz respeito ao pessoal docente, a escola usufrui de sete professoras titulares de turma. Cada professora tem uma turma à sua responsabilidade, sendo uma destas professoras a coordenadora da escola. No entanto, só cinco das professoras titulares é que pertencem ao quadro de agrupamento de escolas da área urbana da Guarda. A tempo integral encontra-se também uma professora de apoio educativo. Conta ainda com uma professora de Educação Especial, mas a tempo parcial.

No centro de recursos TIC para a Educação Especial, estão presentes duas docentes de Educação Especial com horário permanente e integral. Fazem parte também duas docentes de Educação Especial que trabalham diretamente na unidade multideficiência.

A escola usufrui ainda de professores que lecionam as atividades extracurriculares, (Expressão e Educação Plástica, Expressão e Educação Musical, Expressão e Educação Físico Motora e Tecnologias de Informação e Comunicação), estando apenas na escola no horário complementar.

Pessoal não docente

A instituição conta com seis assistentes operacionais, divididas pelo 1º e 2º pisos, assegurando a limpeza das salas, da escola, dos espaços exteriores. Colaboram na

entrada e saída das crianças da escola. É de salientar que uma das assistentes operacionais é responsável pelo funcionamento da biblioteca escolar e de toda a dinâmica envolvente.

Na unidade de multideficiência, contam ainda com a presença de mais duas assistentes operacionais, responsáveis pelo auxílio às crianças e a dinâmica que este espaço envolve.

3.5- Caracterização da sala

A sala 6 (figura 41), situada no 2º piso, é complementada com uma parede de cabides para os alunos, que nós etiquetamos para uma gestão mais eficaz (figura 42). É uma sala extremamente organizada e funcional o que permite maior facilidade na deslocação das crianças e adultos. Tem boa luminosidade proveniente de três janelas que possui, todas viradas para a parte frontal da escola.



Figura 41 - Sala 6
Fonte: Própria



Figura 42 - Cabides
Fonte: Própria

No que se refere mais especificamente ao interior da sala, apresentamos uma planta da sala (figura 43), que ao longo do estágio mudou várias vezes no que diz respeito à disposição das mesas dos alunos, devido ao seu comportamento ou aproveitamento escolar.

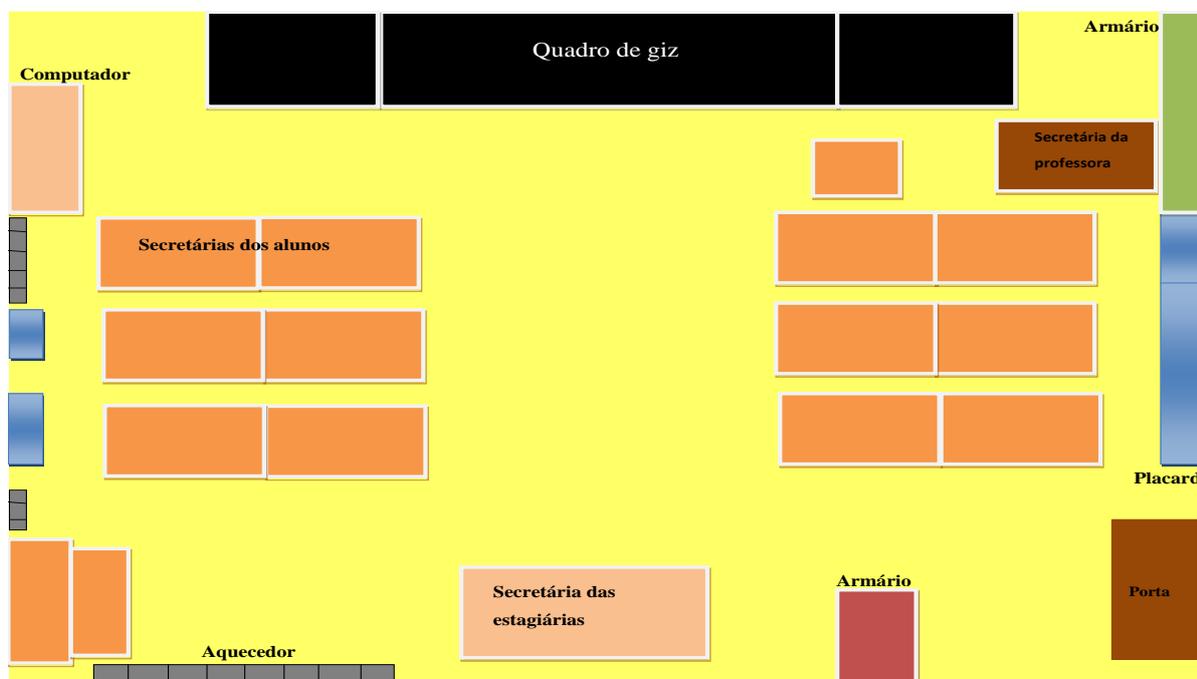


Figura 43 – Planta da sala
Fonte: Própria

Como se verifica através da planta da sala de aula, a organização espacial está muito bem conseguida, na medida em que possibilita grande mobilidade tanto por parte dos alunos como dos professores para os auxiliarem. Quanto ao material existente, relativamente à organização espacial, pode também verificar-se que as secretárias dos alunos existem em número suficiente para o número de alunos que constituem a turma, dando, por vezes, oportunidade ao professor de colocar um aluno sozinho em determinadas mesas. O material encontra-se em bom estado de preservação e adequado à faixa etária dos alunos (figura 44).



Figura 44 – Interior da sala de aula
Fonte: Própria

No que diz respeito ao quadro, a sala está equipada com um quadro em ardósia, ou vulgarmente designado por quadro de giz, em que as suas extremidades são móveis, dando para fechar quando por algum motivo queremos projetar algum conteúdo para os alunos. O único problema para a projeção de histórias e conteúdos é o facto de a sala não se encontrar equipada com projetor, implicando que cada vez que se quer utilizar este tipo de estratégias seja necessário requerer na biblioteca o *data show*, que em alguns momentos já se encontra requisitado para outras salas ou mesmo para trabalhos na biblioteca. No entanto, um aspeto positivo que encontramos na sala é o facto de estar equipada com computador com acesso à internet (figura 45), permitindo a realização de diversas atividades com os alunos e também fomentar o gosto pela pesquisa e o esclarecimento de dúvidas que possam surgir no decorrer de uma aula. O material informático é, sem dúvida, uma mais-valia para os professores e alunos na operacionalização das atividades e na busca de mais informações.



Figura45 - Informática
Fonte: Própria

Relativamente ao aquecimento, a sala possui três aquecedores que permitem aquecer toda a sala, de modo a tornar confortável a permanência dos alunos na sala, estarem confortáveis permite que estejam mais concentrados nas aulas e nos conteúdos que estão a ser explorados.

No que concerne à organização dos materiais dos alunos, é também uma sala bem estruturada e organizada. A sala contém dois armários de arrumações. Um, onde os alunos colocam as respetivas caixas com os materiais e também algum material da sala, como giz, folhas, tintas, entre outros materiais necessários para a realização das diversas

atividades. Outro dos armários existentes na sala é destinado à professora, onde coloca toda a informação referente aos alunos, os processos individuais de cada um e toda a documentação subjacente ao funcionamento da turma e da escola, visto a professora ser também a coordenadora da mesma.

No que se refere à organização temporal da sala, esta contém três placares onde estão expostos os trabalhos dos alunos que ao longo do ano vão sendo substituídos à medida que se realizam novas atividades de acordo com os conteúdos explorados. Nos placares estão também presentes algumas estratégias utilizadas por nós para abordar os conteúdos. Como, por vezes, os placares não chegam para toda a informação que deve estar exposta, também as paredes são utilizadas para este fim (figuras 46).



Figura 46 – Placard de trabalhos
Fonte: Própria

A sala contempla ainda um placar destinado estritamente à estação do ano em que nos encontramos. Este placar é, mudado, todas as estações do ano, de acordo com a simbologia que a própria estação tem. De salientar que o placar de inverno (figura 47) foi construído por nós, por nos encontrarmos presentes na mudança de estação.



Figura 47 – Placard de inverno
Fonte: Própria

Ainda no que diz respeito à organização temporal da sala, referir que a existência de um quadro de aniversários dá aos alunos uma noção de tempo de forma extraordinária e motivante (figura 48). Os aniversários que acontecem em período letivo são na sua maioria das vezes, festejados. Outra forma de os alunos perceberem as mudanças que eles próprios sofrem com o passar do tempo, é o facto de na sala existir um quadro com as fotografias de todos os elementos da turma, tanto do 1º ano, como agora do 2º ano.



Figura 48 – Quadro de aniversários
Fonte: Própria

A sala contempla ainda um calendário e um relógio para situar os alunos no tempo. Muitas vezes pensa-se que estes pormenores são apenas apêndices da sala e que não têm qualquer importância para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, mas, com o decorrer do estágio, percebemos que são extremamente importantes para situar os alunos no tempo. Nesta idade, a noção de tempo é um dos objetivos a alcançar e que os alunos devem assimilar partir de objetos banais com que se deparam no seu dia a dia.

Nesta sequência, é importante referir o facto de no quadro estar sempre registada a data do dia, mês e ano em que nos encontramos. É também uma forma de situar e organizar as aprendizagens diárias dos alunos.

A sala de aula é realmente um espaço pedagógico próprio da turma. É como que o ventre materno, o lugar que todos os seus elementos, os alunos, se encontram em gestação educativa através da interação do desenvolvimento e da aprendizagem. (Alarcão, 2005: 142).

3.6- Caracterização do grupo do 1º CEB

Na escola básica da Santa Zita, a turma C33 do 2º ano é constituída por vinte alunos, sete do sexo masculino e treze do sexo feminino (tabela 8 e gráfico 4). Um dos alunos apresenta necessidades educativas especiais, é repetente no 2º ano e apenas veio para esta instituição neste ano letivo. Foi transferido da escola do 1º Ciclo Augusto Gil, já referenciada como uma criança com necessidades educativas especiais. Os restantes dezanove alunos já frequentam escola desde o ano letivo anterior, 2011/2012, tendo todas frequentado o 1º ano juntos na mesma turma e com a mesma professora.

A maioria dos alunos reside na cidade da Guarda e são oriundas da freguesia da Sé e de S. Vicente, à qual pertence a Escola Básica de Santa Zita. Não há, portanto, alunos vindos de meios muito díspares, visto ambas as freguesias se localizaram no centro urbano da Guarda.

Menino	Menina	Total
7	13	20

Tabela 8 - Número de alunos

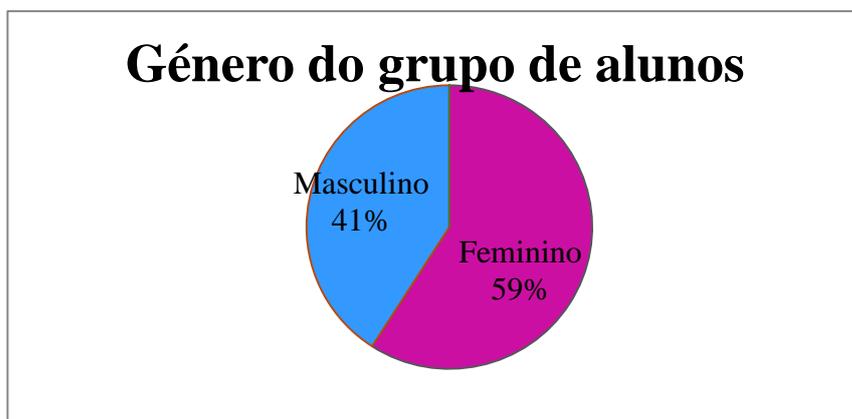


Gráfico 4 - Género do grupo de alunos

Através da observação do gráfico, podemos verificar que se trata claramente de uma turma em que o sexo feminino é predominante.

No que diz respeito à idade, a turma é homogéneo. As idades variam entre os sete e os oito anos (gráfico 5), havendo apenas um aluno que, neste ano civil, faz nove anos devido à sua retenção anteriormente mencionada. A maioria nasceu no ano de 2005, com a exceção da aluna já referida que nasceu em 2004, estando as idades representadas ao longo dos dozes meses do ano (tabela 9).

Nome do aluno	Data de Nascimento
MS	04/01/2005
MS	02/02/2005
RR	12/03/2005
DL	13/03/2005
AB	12/04/2005
EI	25/04/2005
LP	27/04/2005
IM	18/05/2004
GL	05/06/2005
LP	08/06/2005
GG	02/07/2005
BD	13/07/2005
FV	07/08/2005
GR	03/10/2005
PM	13/10/2005
DG	08/11/2005
AC	23/11/2005
AS	29/11/2005
AM	08/12/2005
HP	11/12/2005

Tabela 9 - Idades dos alunos



Gráfico 5 – Distribuição de idades da turma

Através da análise da tabela 9, verificamos que a maioria da turma concluirá este ano letivo ainda com sete anos, os restantes alunos com oito anos e apenas uma aluna com nove anos. Como mencionámos anteriormente, a média de idades da turma é de 7/8 anos, com a exceção da aluna repetente que irá fazer nove anos.

Apesar de ser uma turma homogénea em termos de idade é, no entanto, uma turma com diferentes níveis de desenvolvimento, conhecimentos, vivências, interesses e necessidades. Mas, de uma maneira geral, são crianças meigas, sociáveis e com hábitos de trabalho.

Globalmente, esta turma está sempre motivada a participar, apreciando mais atividades experimentais e lúdicas que dão oportunidade a momentos de diálogo e confronto de opiniões, principalmente na área da matemática que é a disciplina preferida (gráfico 6).

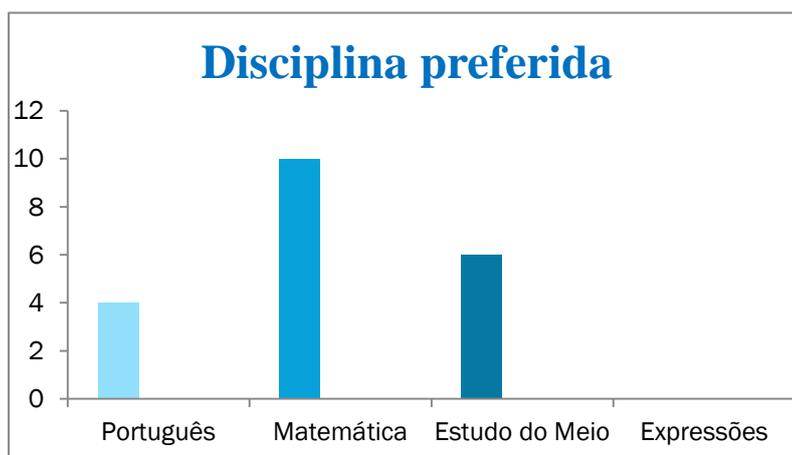


Gráfico 6 - Disciplina preferida dos alunos

Português

No que concerne à área de Português, a turma, de um modo geral, revela bom aproveitamento. De salientar que a aluna com necessidades educativas especiais tem um currículo adaptado às suas necessidades.

Relativamente à oralidade, alguns alunos ainda não conseguem articular corretamente o seu discurso, utilizando vocabulário diversificado e sequencial, o que deriva de falta de vivências por parte das crianças, levando também à falta de criatividade na criação e reconto de histórias. Em relação à leitura, a turma pratica uma leitura fluente e ritmada, sendo a expressividade uma dificuldade para alguns alunos, que não são a maioria da turma.

No que se refere à linguagem escrita, os alunos, na sua maioria, não gostam de escrever, redigir textos e histórias. No entanto, só nos alunos com mais dificuldades é que esta dificuldade é mais notória. Mesmo não sendo o que a turma na generalidade mais gosta de fazer, conseguem redigir pequenos textos com poucos erros ortográficos e com caligrafias legíveis.

Ao nível do conhecimento explícito da língua, gramática, a turma conhece o funcionamento da língua e todas as suas especificidades de acordo com o nível de ensino em que se encontram.

Matemática

Na área de Matemática, disciplina preferida dos alunos como mostra o gráfico 3, a turma revela grande aptidão para a aprendizagem dos conteúdos.

Os alunos, de um modo geral, têm um bom raciocínio matemático e compreendem facilmente as operações para chegar ao resultado, utilizando também o cálculo mental que é um objetivo da matemática e que nesta turma se encontra muito desenvolvido. Resolvem muitas situações problemáticas e utilizam diferentes estratégias de cálculo, identificam sólidos geométricos e distinguem-nos de acordo com as suas características, escrevem e leem números, tanto por ordens como por classes, utilizam as simbologias de grandeza, efetuam reflexões de simetria, identificando os seus eixos.

Em suma, no que a esta disciplina diz respeito, os alunos têm bom aproveitamento em todos os conteúdos.

Estudo do Meio

No que se refere à área de Estudo do Meio, os alunos identificam os meses do ano, os acontecimentos mais importantes através de um calendário. Identificam as partes constituintes do corpo humano e os órgãos dos sentidos, aplicam normas de prevenção segurança rodoviária, conhecem os meios de comunicação e a importância que tem no nosso dia a dia. Na botânica, também identificam os constituintes das plantas e as suas funções, manifestando sempre grande vontade de participar e partilhar as suas vivências com os colegas e os professores.

Como é uma área que aborda conteúdos que os alunos de alguma forma já estiveram em contacto ou já ouviram falar, tentam sempre que as suas ideias prévias prevaleçam sobre o que estão aprender até que lhes seja provado o contrário. Tem grande aptidão para as atividades experimentais e a sua motivação para a realização das mesmas é sempre elevada.

Expressões Artísticas

Relativamente às expressões artísticas, nós só lecionámos, Expressão e Educação Plástica, Expressão e Educação Dramática e Expressão e Educação Físico-Motora, devido ao horário seguido pela turma e a última expressão referida só podemos lecionar porque a professora titular nos deu a possibilidade de trocar o horário.

No que se refere ao desempenho da turma nestas três áreas, a maioria tem mais aptidão e está mais motivado para a Educação e Expressão Motora. No entanto, dependendo das atividades também se sentem interessados pela Expressão e Educação Plástica. Quanto à Expressão e Educação Dramática, no geral, os alunos sentem-se mais inibidos, devido ao facto de, por vezes, terem de se transformar noutras personagens ou alterar as suas próprias vozes. No entanto, mostram-se sempre empenhados na realização das atividades.

Atitudes e valores

A turma é pontual e assídua e, geralmente, cumpridora das regras implementadas na sala de aula e na escola. São alunos autônomos na realização das suas tarefas e na construção do seu próprio conhecimento e aprendizagem.

Revelam boa capacidade de se relacionar com os outros, mantendo boas relações com os colegas e com os adultos da escola. São crianças meigas e bastante acolhedoras.

Estádios de desenvolvimento cognitivo da turma segundo Piaget

Os estádios de desenvolvimento cognitivo permitem-nos perceber os padrões de pensamento que as crianças usam desde o nascimento até ao final da adolescência. É importante recordar, contudo, é que cada estágio principal é um sistema de pensamento qualitativamente diferente do precedente. Cada estágio constitui uma transformação fundamental dos processos de pensamento. É necessário salientar que a criança deve atravessar cada estágio segundo uma sequência regular, não sendo possível avançar um estágio, pois os estádios de desenvolvimento cognitivo são sequenciais. As crianças não podem atrasar um estágio de desenvolvimento, nem acelerar o seu movimento de um estágio para o seguinte. Precisam de experiência suficiente em cada estágio e de tempo suficiente para interiorizar essa experiência antes de poderem prosseguir.

Nesta sequência, como referimos anteriormente, a média de idades da turma é de 7/8 anos, o que, segundo Piaget nos indica que a turma se encontra no estágio das operações concretas, ainda com algumas influências do estágio pré-operatório. Com o decorrer do estágio foi isso mesmo que observámos: a turma, de uma forma geral, é positivista, compreende as relações funcionais, porque são específicas e porque podem testar os problemas, as crianças percebem os aspetos específicos, ou concretos do problema. Ao nível da compreensão cognitiva dos alunos verifica-se uma lacuna dado que o seu pensamento é concreto e não dispõe de um equipamento mental que lhes permita compreender abstrações cognitivas. Traduzem as abstrações em termos concretos e altamente específicos, desenvolvendo a sua própria forma de compreender os assuntos de acordo com experiências específicas do seu dia a dia.

No entanto, por vezes, ainda são notórias algumas influências do estágio pré-operatório. Alguns alunos da turma ainda não se encontram no seu todo no estágio de

desenvolvimento cognitivo das operações concretas. Alguns alunos ainda se mostram egocêntricos e com um pensamento pouco concreto, que são marcas do estágio anterior.

Família

Para se caracterizar a turma é necessário atender às características do seu agregado familiar, sendo estes o primeiro agente de socialização que a criança conhece e, juntamente com toda a comunidade educativa, faz parte do processo de ensino e aprendizagem.

A maioria dos pais trabalha fora de casa o que dificulta a gestão de tempo de acordo com os horários dos filhos. A nível socioeconómico, as famílias dos alunos da sala pertence a uma classe média (tabela 10).

Nome	Profissão da Pai	Profissão da Mãe
MS	Assistente operacional no hospital	Desempregada
MS	Desempregado	Desempregado
RR	Topógrafo	Empregada de balcão
DL	Desempregado	Ajudante de cozinha
AB	Mecânico	Auxiliar de educação
EI	Ministro Evangélico	Desempregada
LP	GNR	Empregada de balcão
IM	Arquiteto	Professora de Educação Física
GL	Serralheiro Mecânico	Administrativa
LP	Construtor civil / Agricultor	Copeira
GG	Professor	Professor
BD	Vendedor comercial	Técnica administrativa
FV	GNR	Administrativa da junta autónoma das estradas
GR	Vendedor	Assistente operacional
PM		Empregada de balcão
DG	Bate-chapas	Doméstica
AC	Empregado de balcão	Assistente Social
AS	Camionista	Desempregada
AM	Informático	Esteticista
HP	Segurança	Empregada de balcão

Tabela 10 - Profissão dos pais

As habilitações literárias dos pais variam entre o 4º ano de escolaridade e o mestrado. Relativamente ao agregado familiar, o número de elementos predominante é de três ou quatro pessoas (tabela 11).

Nome	Nº de irmãos
MS	1
MS	2
RR	0
DL	1
AB	0
EI	1
LP	1
IM	1
GL	2
LP	1
GG	1
BD	1
FV	1
GR	1
PM	0
DG	0
AC	0
AS	1
AM	1
HP	1

Tabela 11- Número de irmãos dos alunos

Atividades de tempos livres (ATL)

O ATL corresponde ao serviço de receção dos alunos, para o almoço e para atividades desenvolvidas para além das cinco horas letivas diárias. O objetivo é apoiar as famílias.

Alunos que usufruem do ATL (tabela 12 e gráfico 7)

Nome	Almoço	Prolongamento de horário
MS	X	X
MS		
RR	X	X
DL	X	X

AB	X	X
EI		
LP	X	X
IM		
GL	X	X
LP	X	X
GG		
BD	X	X
FV	X	X
GR	X	X
PM		
DG	X	X
AC	X	X
AS	X	X
AM	X	X
HP	X	X

Tabela 12 - Alunos que usufruem ATL

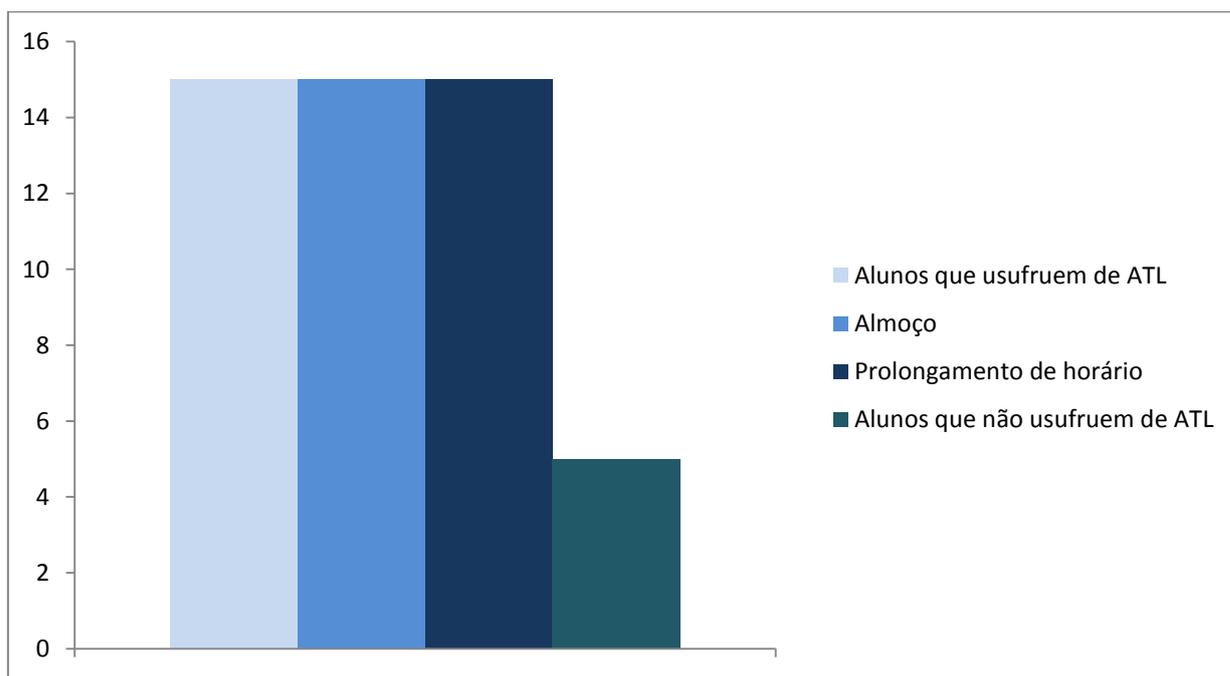


Gráfico 7- Alunos que usufruem do ATL

A maioria dos alunos da turma usufrui ATL, tanto para almoço como para o prolongamento do horário. Apenas cinco dos vinte alunos é que não recorre a este serviço.

3.7-Horário da turma do 2º ano

Horário semanal da turma C33¹⁸

	2ªFeira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9:00 – 10:00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10:00 – 10:30	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10:30 – 10:50	Intervalo				
10:50 – 12:00	Matemática	Português	Matemática	Português	Expressão e Educação Físico Motora
12:00 – 14:00	Almoço				
14:00 – 15:00	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Matemática	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15:00 – 15:10	Intervalo				
15:10 – 16:00	Expressão e Educação Plástica	Estudo do Meio	Expressão e Educação Dramática	Estudo do Meio	Estudo do Meio

Tabela 13 - Horário semanal da turma

¹⁸ Informação cedida pela professora cooperante

II Capítulo

1-Descrição da Prática de Ensino Supervisionada

No que concerne a este ponto, será realizada uma breve abordagem acerca do contexto legal da PES, seguida de uma breve descrição e reflexão das experiências vividas durante o estágio (PES I e PES II) no ensino do pré-escolar e ensino do 1º CEB, respetivamente.

1.1-Contexto legal da Prática de Ensino Supervisionada

Como já foi mencionado anteriormente, a PES I decorreu no ensino pré-escolar, no Jardim de Infância das Lameirinhas, e a PES II no ensino do 1º CEB na Escola Básica de Santa Zita. No entanto, acho pertinente, antes de refletir acerca desta prática, fazer uma breve descrição do Decreto-Lei 43/2007 que autoriza o regime jurídico da habilitação profissional para a docência num determinado domínio e determina, ao mesmo tempo, que a posse deste título constitui condição indispensável para o desempenho docente, nos ensinos particular, público e nas áreas curriculares ou disciplinares por esse domínio.

Neste contexto, a habilitação profissional para a docência advém da licenciatura em Educação Básica e, posteriormente, Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º CEB, que se encontra inserido no processo de Bolonha, o qual nos habilita para a docência em dois níveis de ensino distintos, já mencionados anteriormente. A atribuição destas competências permitirá ao profissional a valorização de conhecimentos nos dois níveis de ensino, tanto através da aplicação de conhecimentos científicos, humanísticos, tecnológicos ou mesmo artísticos, como na aplicação de metodologias de investigação educacional, o qual é capaz de se adaptar às diferentes características e desafios que os níveis de ensino abarcam. Valorizando, desta forma, a prática de ensino supervisionado, uma vez que constrói um momento privilegiado de aprendizagem na mobilização de conhecimentos, capacidades, competências e atitudes adquiridas em outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais exemplares a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade. Por sua vez, esta unidade curricular permite a articulação de conhecimentos teóricos e práticos a ser aplicados nas escolas, enquanto lugar de trabalho, de modo a que o *desempenho dos educadores e professores seja cada vez menos de um mero funcionário ou técnico e*

cada vez mais o de um profissional capaz de se adaptar às características e desafios das situações singulares em função das especificidades dos alunos e dos contextos escolares e sociais (Decreto-Lei nº43/2007).

Neste sentido, o estágio representa na formação inicial dos alunos o período final do seu percurso para a obtenção do estatuto que lhe conferirá a graduação profissional necessária ao exercício da profissão docente.

No que diz respeito à educação no ensino pré-escolar, pretende-se desenvolver competências nas áreas de formação pessoal e social, conhecimento do mundo, expressão e comunicação (onde estão inseridos os domínios das expressões: motora, dramática, plástica e musical, o domínio da linguagem e abordagem à escrita e o domínio da matemática).

Relativamente ao ensino do 1º CEB, as competências a desenvolver verificam-se ao nível da língua portuguesa, matemática, estudo do meio e expressões artísticas (como a físico-motora, musical, dramática e a plástica), que pretende abranger competências transversais, promovendo o estudo acompanhado e área de projeto.

1.2-Descrição da PES

No que concerne à prática de ensino sob a forma de estágio supervisionado, é um momento de extrema importância no processo de formação de um professor/educador. A sua realização é fulcral, uma vez que se efetua num contexto profissional e o qual permite adquirir conhecimentos da instituição escolar e da comunidade envolvente, como auxilia a desenvolver, aplicar diversas estratégias nas mais variadas atividades e refletir acerca do sucesso e insucesso das mesmas, e como se podem colmatar dificuldades.

Esta unidade curricular, para além de contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional de um futuro professor/educador da educação, contribui também para o seu desenvolvimento social, devido ao contacto que se estabelece durante este percurso com os colegas, os professores cooperantes e os professores orientadores. O mesmo se verifica com os alunos pelas aprendizagens e experiências que diariamente proporcionaram durante as várias etapas que foram decorrendo durante o estágio no

ensino Pré-Escolar e no ensino do 1º CEB, no período da observação, da planificação, da intervenção e da avaliação.

Posto tudo isto, é importante refletir sobre a importância da observação, integrada na disciplina de Prática de Ensino Supervisionada, pois *só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o instrutor terá de fazer face em cada momento. A identificação das principais variáveis em jogo e a análise das suas interações permitirão a escolha das estratégias adequadas* (Estrela, 1978: 57).

Os primeiros momentos de observação servem para o professor estagiário observar como tudo funciona e o que rodeia a instituição, dedicando, por isso, algum tempo ao meio envolvente, da instituição, da sala, da turma/grupo e o método, metodologia de trabalho do professor cooperante, como também é essencial conhecer os hábitos de trabalho de toda a comunidade educativa. *Ao observarmos, temos um objectivo em vista: melhorar o ensino e a aprendizagem. Para atingirmos esse objectivo necessitamos de ver com olhos de ver o que acontece dentro e fora da sala de aula, a fim de analisar os alunos, o seu relacionamento consigo próprios, com os colegas, com o(s) professor(es), com a família, com a escola, com a sociedade, com o conhecimento. E tudo isto num contexto do seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem,* (Alarcão, 2005: 188).

As observações são parte integrante de qualquer boa formação de professores, pois para se formarem tem que existir uma complementaridade entre a formação académica (teórica) e a formação pedagógica (prática). As observações fazem parte da formação pedagógica. Como defendia Rousseau e Mialaret (1981) *Começai por conhecer os vossos alunos/crianças pois de certeza que não os conheceis* (Mialaret, 1981: 133).

Estes dois momentos, distintos, foi indispensável e importante na medida em que contribuiu para melhorar a prática pedagógica, pois aprendi imenso. Fiquei a conhecer mais de perto a realidade educativa que existe nos dias de hoje, tomando conhecimento de técnicas, métodos e estratégias a utilizar futuramente. Técnicas essas que fui adquirindo e que posteriormente iria colocar em prática através do seguimento da planificação.

A planificação foi o segundo momento pelo qual passei durante o período de estágio no ensino pré-escolar e no ensino do 1º CEB. Esta auxilia educadores/professores a dar um

rumo às suas atividades pedagógicas e a gerir o seu tempo de interação com o grupo/alunos de trabalho, como também ajuda no decorrer de cada aula. No entanto, o profissional da educação deve ter uma posição flexível no que respeita à planificação, na medida em que esta, por vezes, não corre como planeado e, por isso, tem de ser alterada, se assim o exigir.

Neste contexto, por planificação *entende-se a actividade que consiste em definir e sequenciar os objectivos do nosso ensino e da aprendizagem dos nossos alunos, determinar processos para avaliar se eles foram conseguidos, prever algumas estratégias de ensino/aprendizagem e seleccionar materiais auxiliares*, (Alarcão, 2005: 158). Assim, o progresso de aprender a ensinar é descrito como um processo em que os candidatos a professores aprendem a decidir quais os conteúdos curriculares importantes para a aprendizagem dos alunos e a forma como esse currículo pode ser posto em prática na sala de aula através da realização de atividades de aprendizagem.

No que concerne à avaliação, esta é entendida como processo sistemático para determinar até que ponto os objetivos foram atingidos, sendo esta desempenhada pelo professor/educador com o objetivo de recolher informação necessária para tomar decisões corretas. *A avaliação refere-se a um largo leque de informação recolhida e sintetizada pelos professores/educadores acerca dos seus alunos e das suas salas de aula. A informação acerca dos alunos pode ser recolhida através de uma série de maneiras informais, tais como observações e trocas verbais* (Arends,1995:229). Neste contexto, pode-se ainda referir os diferentes tipos de avaliação que podem ser aplicados, tais como a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

No entanto, os momentos de avaliação em que estivemos presente, no ensino Pré-escolar e no ensino do 1º CEB, foram distintos. No pré-escolar são efetuadas grelhas de avaliação para averiguar as aprendizagens das crianças, bem como a sua evolução ao longo do ano, enquanto o 1º CEB tem de cumprir o programa escolar e os conhecimentos dos alunos são verificados segundo os conhecimentos obtidos com a realização das fichas de avaliação mensal. Neste ciclo de ensino, tive ainda a oportunidade de realizar avaliações mensais e avaliações trimestrais nas diferentes áreas disciplinares, tendo contribuído com a elaboração de fichas de avaliação e respetivas grelhas de avaliação. Também me foi possibilitado estar presente na entrega das avaliações, como no atendimento aos encarregados de educação.

Concluindo, a avaliação nos dois níveis de ensino foi distinta e ao mesmo tempo gratificante por poder dar o meu contributo para a sua elaboração.

1.3-Contexto institucional

A PES I, no ensino pré-escolar, decorreu no Jardim de Infância das Lameirinhas, que pertence ao Agrupamento de Escolas de Afonso Albuquerque, no qual tive a oportunidade de trabalhar com um grupo de 12 crianças com 5 e 6 anos de idade. A prática de ensino supervisionada neste nível de ensino decorreu durante os meses de fevereiro e junho de 2012, tendo começado com duas semanas de observação e nove regências dadas durante três dias da semana, 2^a a 4^a feira.

No que diz respeito à PES II, no ensino do 1^o CEB, teve lugar na Escola Básica de Santa Zita, também pertencente ao Agrupamento de Escola de Afonso Albuquerque, com uma turma do 2^o ano com 20 alunos, com 7 e 8 anos. A PES II decorreu durante os meses de outubro a janeiro de 2012, na qual, como na PES I, foi dado um período de duas semanas à observação e seis semanas de regências durante três dias da semana, 2^a a 4^a feira.

1.3.1-Prática de Ensino Supervisionada I no Ensino Pré-Escolar

As Orientações Curriculares constituem um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças, pois *a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida* (OCEPE: 2007: 17).

A PES I vai ao encontro da forma como responder às necessidades, motivações e interesses das crianças. Para que tal fosse possível, a importância da observação nos primeiros dias na educação pré-escolar foi fundamental para perceber e orientar-me como toda a instituição funcionava e o que rodeava o jardim, bem como conhecer a sala de aula, rotinas do grupo, metodologia utilizada pela educadora e conhecer e interagir, tendo em conta as necessidades do grupo. No que diz respeito à observação do grupo e da metodologia da educadora, salientando que não foi uma aprendizagem estanque, antes uma observação contínua e constante. A interação nestas duas semanas de

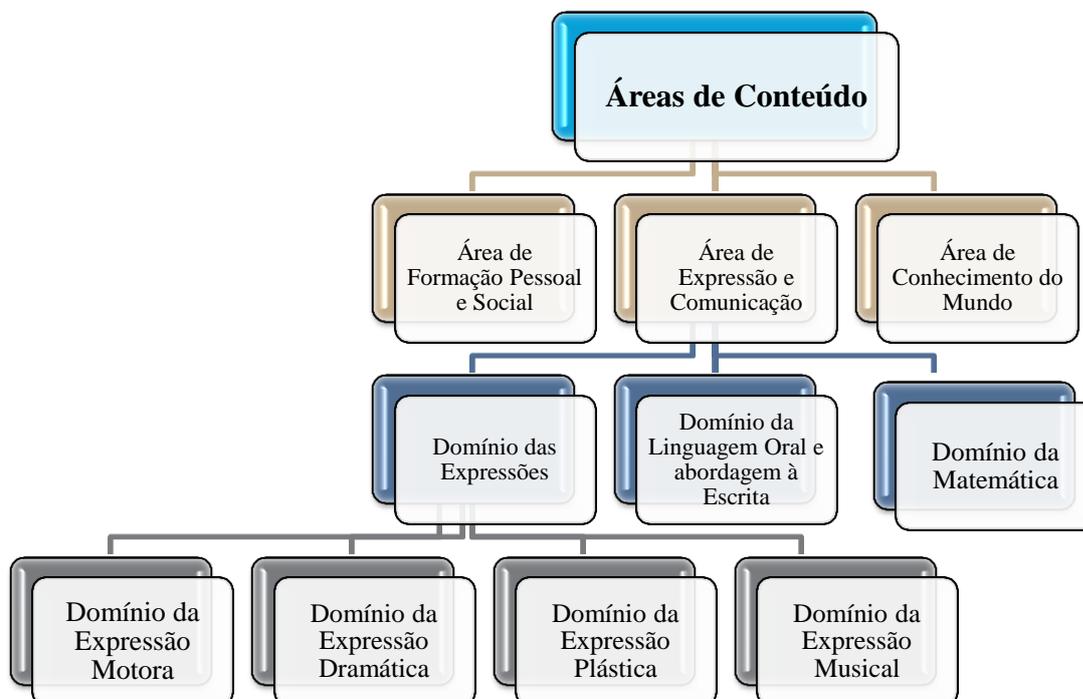
observação foi fundamental para que conhecêssemos melhor o grupo de crianças, quais os seus interesses e gostos pessoais e como reagia a educadora a cada situação.

Durante este curto período, não planejei nem participei ativamente na exploração dos diversos conteúdos e na realização das atividades, podendo centrar-me num ponto de cada vez e analisá-lo. O grupo estava à responsabilidade da educadora e eu só tinha de me preocupar em assimilar o máximo que conseguia sobre determinados assuntos que a educadora referia e chamava a atenção do porquê se agir e trabalhar daquela forma e não de outra e os objetivos que estão por trás de cada atividade. A interação com a educadora cooperante e a sua disponibilidade em relação a todas as questões e dúvidas colocadas foi uma mais-valia, ajudando a colmatar dúvidas e hesitações na planificação das atividades.

A elaboração de uma planificação estava aliada à etapa de intervenção. Este momento teve algum impacto e as planificações eram realizadas consoante os planos de atividades estabelecidos pela educadora. A PES I começou em fevereiro e a educadora até esta data já tinha organizado o grupo, as suas rotinas, espaço e materiais didáticos desde o início do ano letivo. Assim sendo, o trabalho planificado limitou-se a dar continuidade ao trabalho já iniciado pela educadora, respeitando todas as áreas de conteúdo de forma articulada, tendo o cuidado de fazer o encadeamento das atividades para que existisse um fio condutor na sua realização.

Como já foi referido anteriormente, as OCEPE servem de apoio ao educador na concretização das suas atividades, de modo a criar condições para que as crianças aprendam de forma lúdica e divertida.

Neste contexto, é pertinente apresentar um esquema relativo às áreas de conteúdo, explicitando de forma sintetizada cada área de conteúdo, e qual o seu papel de orientação na planificação das atividades, tendo em conta o contexto de ensino e aprendizagem das crianças.



Áreas de conteúdo no 1ºCEB

Conforme mostra o esquema, as áreas de conteúdo não são trabalhadas individualmente, mas sim trabalhadas numa perspetiva global, de modo a contribuir para o ensino e aprendizagem das crianças.

No que se refere à área de Formação Pessoal e Social *que deverá favorecer, de acordo com as fases de desenvolvimento, a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos morais e cívicos* (OCEPE,2007:51). Esta área é transversal e integradora na medida que contribui para o conhecimento de si próprio, dos outros e da relação com os outros, sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia. Desta forma, as relações e as interações que o educador estabelece com cada criança e com o grupo, a forma como apoia as relações e as interações entre crianças no grupo, são o suporte dessa educação. Neste contexto, o desenvolvimento pessoal e social apoia-se na constituição de um ambiente relacional, em que a criança é valorizada, escutada de modo a contribuir para o seu bem-estar, autoestima, autonomia e a interiorização de diferentes valores sociais, baseada na aquisição de espírito crítico pressupõe conhecimentos e atitudes que através de temas transversais conduzem à educação para a cidadania.

A área de Expressão e Comunicação *engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem* (OCEPE, 2007: 56).

Nesta área distinguem-se três domínios: domínio das expressões, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e o domínio da matemática que estão intimamente relacionados, uma vez que se referem à aquisição e à aprendizagem de códigos, de recolha de informação e de sensibilização estética, indispensável para as crianças representarem o seu mundo interior e o mundo que o rodeia.

Dentro do domínio das expressões estão compreendidas quatro vertentes *que têm a sua especificidade própria, mas que não podem ser vistas de forma totalmente independente, por se completarem mutuamente* (OCEPE, 2007: 57).

Em relação à expressão motora, deve-se proporcionar às crianças ocasiões de exercícios variados, com recurso a diferentes materiais manipuláveis, de modo a que todas aprendam a utilizar, dominar e conhecer o seu próprio corpo, que acompanhem o progressivo desenvolvimento da motricidade global e motricidade fina.

No que diz respeito à expressão dramática, em atividades de jogo simbólico, atividade espontânea, as crianças tomam consciência das suas reações, do seu poder sobre a realidade, criando, imaginando situações de comunicação e interação com outras crianças, acompanhada de diferentes materiais.

A expressão plástica relaciona-se com a expressão motora na medida que se recorre a diferentes materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios para desenhar, pintar, cortar, colar, entre outros. Com a utilização de alguns materiais, as crianças conseguem recriar momentos de uma atividade, aspetos de um passeio ou de uma história, servindo também para transmitir aos pais e comunidade educativa o trabalho desenvolvido.

A última, a expressão musical, assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, em que a criança produz e explora aspetos como saber escutar, cantar, dançar, tocar e criar.

Relativamente ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, *pretende-se acentuar a importância de tirar partido do que a criança já sabe, permitindo-lhe contactar com diferentes funções do código escrito* (OCEPE: 2007: 65). Este domínio assenta na forma de expressão e comunicação, através de um clima de comunicação criado pelo educador, em que a criança irá dominando a linguagem e alargando o seu vocabulário. Por isso, é necessário criar às crianças momentos lúdicos de aprendizagem,

em que tenham contacto com diferentes códigos simbólicos e que as levem a sentir interesse e gosto pela leitura e pela escrita.

Relativamente ao domínio da matemática, as crianças vão construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia a dia no jardim de infância, *cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico matemático* (OCEPE, 2007: 73). A construção de noções matemáticas fundamenta-se na vivência do espaço e do tempo, em atividades lúdicas e espontâneas, através da exploração e manipulação de materiais. É através destas experiências que a criança encontra princípios lógicos que lhe permitam classificar, formar conjuntos, seriar e ordenar.

Por fim, a área de conhecimento do mundo trata-se de uma área que desperta a curiosidade natural da criança, *curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e exploração do mundo* (OCEPE, 2007: 79). Esta área está, por isso, relacionada com a ciência, o conhecimento do meio próximo, de outros meios e culturas. Com o apoio do educador permitirá aprofundar questões e saberes sociais, método científico, observação, registos, construções de conceitos, educação para a saúde e educação ambiental. Todos os temas neste domínio são criteriosamente escolhidos pelo educador, relacionados com os processos de aprender e cabe ao educador decidir *as formas como o processo se deve desenvolver, sistematizar, registar e avaliar* (OCEPE, 2007: 84).

Na realização das planificações foi tido em conta o projeto curricular da escola, “A Água que nos une”. Foram criadas atividades que contemplassem todas as áreas de conteúdo e permitissem oferecer ao grupo de crianças atividades lúdicas e divertidas, de modo a contatarem com outras realidades e contextos de ensino e aprendizagem. Foi tudo isto colocado em prática, através das várias estratégias utilizadas, apostando muito no diálogo e na troca de experiências entre nós e o grupo. *Neste sentido, acentua-se a importância da educação pré-escolar partir do que as crianças sabem, da sua cultura e saberes próprios. Respeitar e valorizar as características individuais da criança, a sua diferença, constitui a base de novas aprendizagens. A oportunidade de usufruir de experiências diversificadas, num contexto facilitador de interações sociais alargadas*

com outras crianças, ao construir o seu desenvolvimento e aprendizagem, vá contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem dos outros (OCEPE, 2007: 19).

Concluindo, a etapa de prática de ensino supervisionado no ensino pré-escolar é bastante árdua e gratificante ao mesmo tempo, na medida em que o educador não tem tarefa fácil ao ter à sua responsabilidade um grupo de crianças perspicazes e interessadas em aprender e querer sempre mais. Deste modo, a arte de ensinar não é fácil e *aprender a ensinar consiste num processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo da vida, durante o qual se vai gradualmente descobrindo um estilo próprio (Arends, 1995: 19).*

Durante esta fase foram notórias algumas dificuldades, fruto da falta de experiência e de oportunidade durante todo o percurso académico. No entanto, não deixou de ser um período interessante, motivador e enriquecedor que permitiu orientar, motivar, oferecer experiências e orientações acerca da prática docente e como desempenhar um bom papel perante as futuras crianças que irei acompanhar durante o percurso escolar. Assim sendo, a PES I contribuiu para que crescer, aprender com as dificuldades que foram surgindo, tendo contribuído para este progresso a educadora cooperante pela sua disponibilidade, atenção e predisposição em ajudar a aprender a ser uma boa profissional.

1.3.2-Prática de Ensino Supervisionada II no Ensino do 1ºCEB

O professor como educador é um factor determinante no desenvolvimento e na aprendizagem do educando, (...), tem de ser competente na sua especialidade para ensinar correctamente os conteúdos programáticos da disciplina ou das disciplinas que lecciona (Alarcão, 2005: 140).

A Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico implicam que o desenvolvimento da educação escolar constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras, de modo a garantirem o direito e o sucesso escolar de cada aluno.

As aprendizagens ativas têm como fundamento que os alunos tenham a oportunidade de contactar e vivenciar situações estimulantes de trabalho através da manipulação de objetos e meios didáticos, que vão ao encontro de novos percursos e outros saberes.

As aprendizagens significativas dizem respeito à origem e cultura de cada aluno e são determinantes para a aquisição de novos significados. As aprendizagens constroem-se significativamente quando estiverem adaptadas ao processo de desenvolvimento de cada criança.

Relativamente às aprendizagens diversificadas, referem-se à utilização de recursos variados que permitam uma variedade de abordagens dos conteúdos programáticos. A variação dos materiais, as técnicas são processos de desenvolvimento de um conteúdo.

As aprendizagens integradas referem-se às experiências e os saberes anteriormente adquiridos, para que estes se recriem e integrem no conhecimento de novas descobertas. E os progressos conseguidos vão assim concorrendo para uma visão da diversidade de culturas e de pontos de vista.

As aprendizagens socializadoras garantem a formação moral e crítica dos alunos, na adaptação de saberes e no desenvolvimento das suas conceções. Estes princípios estão enunciados no programa do 1º CEB e tem em consideração um conjunto de valores e estratégias para que o aluno tenha um bom percurso escolar e consiga alcançar todos os objetivos e desafios a que se propõe.

A PES II decorreu sob os mesmos moldes da PES I, em que foram dados alguns dias para a observação, seguido da elaboração da planificação, a intervenção e a avaliação. Durante este período de ensino supervisionado, foram colocados em prática conhecimentos adquiridos durante o percurso académico, os quais tivemos a oportunidade de experimentar, testar conhecimentos, estratégias de atividades diversas a aplicar na turma, assim como solucionar problemas e ajudar a colmatar as dificuldades dos alunos. Cada regência era um desafio, pois a falta de experiência, tensão, nervosismo de falhar era uma constante, aplicar as estratégias, tomar decisões para o bem da turma, se iam ou não resultar ou se eram as mais adequadas para a sua aprendizagem. Contudo, *o professor principiante deve esperar estar nervoso durante os minutos iniciais de contacto com os alunos. Mesmo os professores com 25 anos de experiência ainda ficam nervosos quando os alunos entram na sala de aula pela primeira vez* (Arends, 1995: 490).

No entanto, de modo a colmatar estes anseios, a presença da professora cooperante na sala de aula ajudou a que os problemas que pudessem surgir a cada aula fossem

ultrapassados e superados, dando orientação, conselhos na forma como se podem ajustar diversas estratégias em diferentes atividades.

Convém, neste contexto, referir o contacto entre professor/aluno, que se estabeleceu desde o primeiro dia nesta instituição de ensino, uma vez que o professor, para além de ensinar conteúdos, deve estimular os seus alunos a aprender e a pensar de forma autónoma e livre, capazes de pensarem por si próprios, exercendo o professor uma grande influência no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno. *É que a sala de aula é realmente o espaço pedagógico próprio da turma. É como que o “ventre materno”, o lugar em que todos os seus elementos, os alunos se encontram em gestação educativa através da interacção do desenvolvimento e da aprendizagem* (Alarcão, 2005: 142).

As planificações foram elaboradas consoante os planos pré-estabelecidos pela professora cooperante, e foram abordadas todas as áreas disciplinares, tentando, muitas vezes, articular os conteúdos das diferentes áreas, possibilitando, desta forma, uma melhor compreensão e apreensão dos conteúdos dados para a turma. Todas as áreas curriculares disciplinares foram de grande destaque, por se tratar de uma turma do 2º ano. E era pretendido que a turma consolidasse os conteúdos iniciados no ano anterior.

A aplicação dos conteúdos foi transmitida à turma através de várias estratégias diversificadas. Por isso, a cada dia, a cada semana de regência eram expostos à turma os conteúdos de uma forma lúdica e divertida. Com o término da exposição das atividades, em conjunto com a professora cooperante, foram avaliados os prós e os contras destas. Por isso, no final de cada dia, debatíamos acerca da nossa prestação, do nosso contributo para a aprendizagem da turma. Este processo teve os seus altos e baixos e, em algumas situações, foi necessário proceder a uma revisão dos recursos, das estratégias utilizadas, pois não estavam a ir ao encontro dos objetivos pretendidos. Por isso, para aperfeiçoar, melhorar a nossa prática, em alguns momentos, tivemos de recuar, repensar e construir novos recursos ou melhorar os já existentes, para assim aperfeiçoar quer a nossa prática, quer a aprendizagem dos alunos.

Após esta fase, as aprendizagens e evolução foram notórias a cada dia. Apesar de este período ser curto, é bastante trabalhoso e enriquecedor poder contribuir para o crescimento pessoal e profissional do professor estagiário, como para o desenvolvimento dos alunos que nos acompanharam. Por isso, um professor quer em

início de carreira, quer já com longo percurso escolar, deve estar em contante atualização, isto é, em busca do saber. Deve atualizar os seus conhecimentos para depois os aplicar da melhor maneira possível, porque só assim poderá ser um bom profissional, capaz de se adaptar a diferentes situações.

III Capítulo

Formação de Palavras

Ao longo da história da língua, podemos verificar que existem, sobretudo, duas formas de enriquecimento do léxico. Uma delas, já preconizada por João de Barros em 1540, na sua obra *Em defesa e louvor da nossa linguagem*, recorre à importação de palavras de outras línguas, vivas ou mortas, procedendo, de seguida, ao seu aportuguesamento. Outra serve-se dos processos internos da língua, nomeadamente dos processos regulares de formação de palavras, através da junção de afixos (prefixos e sufixos) a formas de base, ou seja, palavras primitivas. Este procedimento é transversal à história da língua, mantendo-se atualmente em uso pelos falantes, como, por exemplo, na criação de palavras como *inverdade* e *deslargar*.

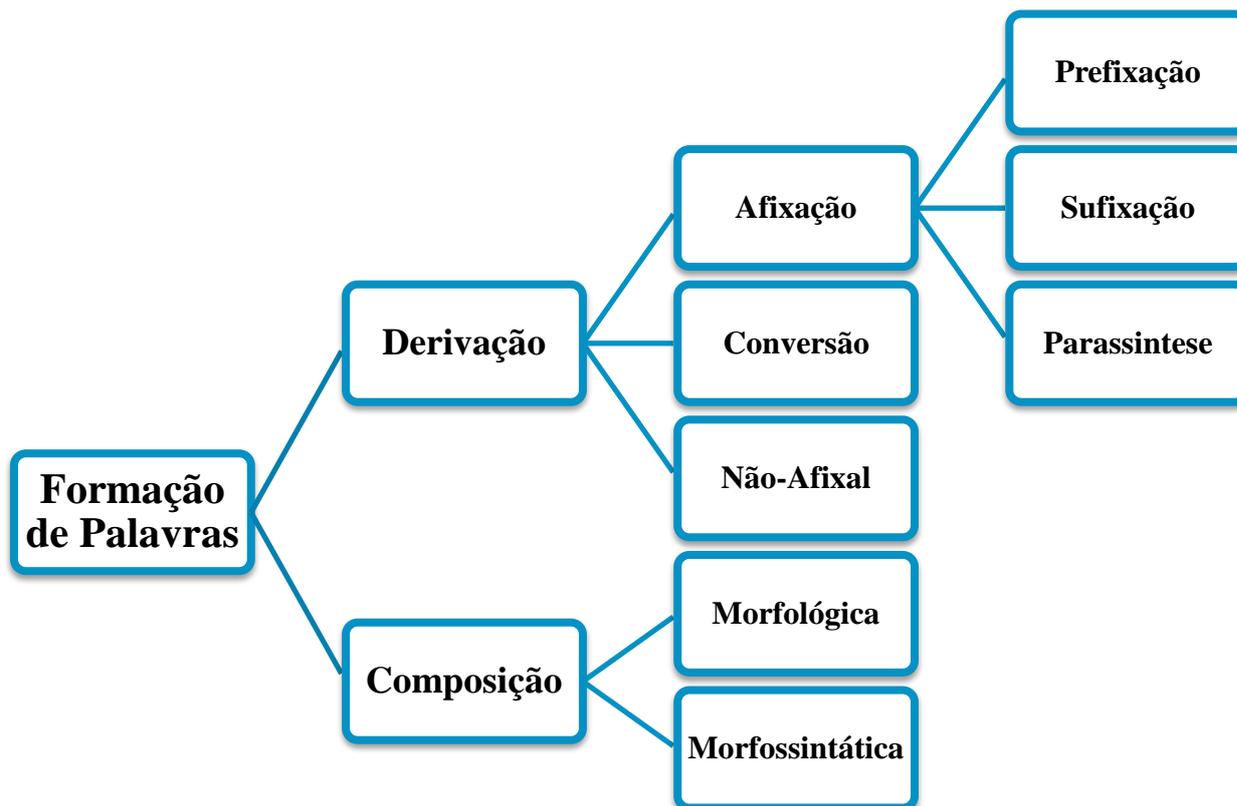
É importante mencionar que a nossa língua é um instrumento fundamental de acesso a todos os saberes e sem o seu apurado domínio, no plano da escrita, outros saberes não são adequadamente representados. Por isso, é importante sensibilizar e mesmo responsabilizar todos os professores, sem exceção e seja qual for a sua área disciplinar, no sentido de cultivarem uma relação com a língua que seja norteada pelo rigor e pela exigência de correção linguística, em todo o momento e em qualquer circunstância do processo de ensino e aprendizagem (PPEB, 2008:6).

Com o decorrer da PES, deparámo-nos com crianças que apesar de bem instruídas, comunicadoras e capazes de realizar tudo o que lhes era proposto, por vezes, algo condicionava a plena concretização das suas atividades. Além dos tradicionais erros ortográficos, o significado de algumas palavras não era atingido, pelo menos tão rapidamente quanto desejado. Se algumas vezes esta situação se verificava com palavras primitivas que, de facto, ainda não faziam parte do seu vocabulário, outras acontecia com palavras que, pelo facto de serem derivadas, não eram percebidas, embora os alunos, depois, viessem a identificar a palavra primitiva.

Foi este o ponto de partida para a realização deste trabalho que, deste modo, se encontra dividido em duas partes: a parte teórica, que expõe as principais noções sobre a formação de palavras, e uma parte mais prática, onde se pretende apresentar um estudo efetuado com a turma de crianças a partir da resolução de três sequências de fichas intercaladas na sala de aula do 1º CEB.

Neste contexto, é nossa intenção, enquanto futuras profissionais da educação, criar estratégias para intervir junto dos alunos, de forma a acompanhar, reeducar e colmatar os aspetos que se encontram mais fragilizados ao nível da escrita.

O esquema seguinte faz uma breve contextualização acerca do tema a tratar, a formação de palavras:



Formação de Palavras

Chama-se formação de palavras ao conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se, assim, para formar novas palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição.

A afixação é geralmente descrita com base nas propriedades que caracterizam os afixos envolvidos, partindo da distinção estabelecida pela posição relativa que ocupam na estrutura morfológica em que ocorrem. No português, os afixos disponíveis são os

prefixos, quando ocorrem na periferia esquerda da forma de base, e os sufixos, quando se encontram à direita da forma de base.

A composição é um processo de formação de palavras que consiste na associação de duas ou mais variáveis lexicais, que podem ser radicais ou palavras.

1-Derivação

A estrutura morfológica básica descreve a estrutura das palavras simples do português, em que a posição de núcleo é ocupada por um radical morfológicamente inalisável. A estrutura das palavras complexas formadas por derivação corresponde a uma expansão dessa estrutura. Nestes casos, a posição de núcleo é ocupada por um radical complexo, formado por um afixo derivacional, que é o núcleo dessa subestrutura morfológica deste radical encaixado, e pelo seu complemento, que pode ser um radical, um tema ou mesmo uma palavra. A estrutura pode ser simples ou ainda complexa. Na morfologia do português, tipicamente, o complemento precede o núcleo, pelo que a derivação é quase exclusivamente um processo de sufixação.

1.1- Afixação

A afixação é um processo morfológico que consiste na associação de um afixo a uma forma de base: um radical *dent-ista*, um tema *educa-ção* ou uma palavra *avo-zinha*. Os afixos constituem uma classe fechada e, no Português, subdividem-se em prefixos, sufixos e interfixos, consoante a posição que ocupam na estrutura da palavra. Os afixos podem ter várias funções, como a especificação temática, a flexão, a derivação e a modificação.

Assim, os prefixos são afixos que se associam à esquerda de uma forma de base, *desinteressante*. Os sufixos são afixos que se associam à direita de uma forma de base, *pedreiro*. Os interfixos são afixos que ocorrem entre duas formas de base, como as vogais de ligação nos compostos morfológicos, *reg-i-cida* e *psic-ó-logo*.

1.1.1-Prefixação

Em português, quase todos os prefixos são modificadores, isto é, não alteram a classe gramatical da palavra, embora haja um pequeno número de prefixos derivacionais.

Estes prefixos derivacionais são prefixos que formam palavras derivadas e determinam a classe gramatical da palavra em que ocorrem:

(I)

Rugas _n *antirrugas* _{adj}

*Tem muitas **rugas** _n na cara.*

*Este **antirrugas** _n é muito bom.*

*Este creme **antirrugas** _{adj} é muito bom.*

Quanto aos prefixos modificadores, estes são afixos que não determinam a classe gramatical da palavra em que ocorrem, como se verifica nos exemplos apresentados:

(II)

Humano _{adj} ***desumano*** _{adj}

Amor _n ***desamor*** _n

Justo _{adj} ***injusto*** _{adj}

Fazer _v ***refazer*** _v

Deferir _v ***indeferir*** _v

Os prefixos modificadores distribuem-se por diferentes categorias morfossemânticas. No português, as mais relevantes são as seguintes:

Avaliativos	infra – infra estrutura macro – macro economia maxi – maxi ssaia mega- mega concerto mini- mini mercado micro – micro clima super- super interessante
Negação	des – des leal in - in justo
Oposição	des - des ligar
Quantificação	uni – uni celular bi – bi motor tri - tri pé
Referência Espacial	ante – antec âmara sobre – sobre por sub - sub cave
Referência Temporal	pré – pré -história pós – pós -produção
Repetição	re – re começo

Desta classificação exclui-se um grande número de formas habitualmente consideradas como prefixos, *abster*, *adjunto*, *decair*, *ingerir*, *objeto*, *perfurar*, *prosseguir*, *anónimo*, *diacronia*, *epiderme*, *simpatia*, dado que todas, ou quase todas, as suas ocorrências estão lexicalizadas, ou a base é inexplicável em português, ou, ainda, o prefixo não tem um valor semântico conhecido e estável.

Com efeito, no português, os prefixos com maior grau de intervenção não são muito numerosos. Assim, verifica-se sobretudo a ocorrência de *des-*, com valor negativo

associado a bases adjetivais e com valor de oposição associado a verbos, *in-*, apenas com valor negativo, associado a bases adjetivais e *re-*, valor de repetição, associado a verbos.

(III)

Desleal _{Adj} *inútil* _{Adj}
Desfazer _V *refazer* _V

1.1.2 – Sufixação

Relativamente aos sufixos, estes tomam o nome de sufixos derivacionais, sufixos modificadores e sufixos de flexão. Quanto a estes últimos, apenas são utilizados na flexão de género e número das palavras, não sendo, por isso, sentidos como verdadeiros sufixos.

No que diz respeito aos sufixos derivacionais estes são sufixos que participam em processos derivacionais de formação de palavras, alterando a classe gramatical de origem.

(IV)

educável = ((educa) _{tema verbal} (vel) _(sufixo derivacional)) _{Adj}

educação = ((educa) _{tema verbal} (ção) _(sufixo derivacional)) _N

Os sufixos modificadores são sufixos que formam palavras por modificação morfológica. Não alteram, portanto, nenhuma das propriedades gramaticais de base, apenas modificam a sua interpretação semântica:

(V)

rapariguita = ((raparig) _{RN} (ita) _(sufixo modificador)) _N

altíssimo = ((alt) _{RA_{Adj}} (íssimo) _(sufixo modificador)) _{Adj}

A utilização de sufixos derivacionais permite-nos obter a seguinte classificação: são sufixos de adjetivação os que formam adjetivos, de adverbialização os que formam advérbios, de nominalização os que formam nomes e de verbalização os que formam verbos. Estas quatro classes subdividem-se, por sua vez, em deadjetivais, denominais e deverbais, conforme seleccionam, respetivamente, bases adjetivais, nominais ou verbais, como mostra a tabela seguinte:

	Adjetivação	Nominalização	Verbalização
Deadjetival	Fraternal Belicista	Decadentismo Magreza Clareza Alegria	Eternizar Facilitar Dignificar Robustecer
Denominal	Simbólico Montanhoso Cultural	Simbolismo Papelaria Folhagem Cinzeiro Abadia	Simbolizar Guerrear Ramificar Alvorecer
Deverbal	Realizável Proibitivo Enganador Interessante	Determinismo Animação Entendimento Lavagem Organizador Tolerância	Dormitar Escrevinhar

1.1.3-Parassíntese

No domínio da formação de palavras por derivação, há um processo particular, com características distintas da sufixação derivacional, chamado parassíntese. A derivação parassintética, que pode ser exemplificada por formas como *enfraquecer* ou *esbracejar*, é particularmente frequente na formação de verbos deadjetivais ou denominais, embora também se verifiquem alguns casos de adjetivação:

(VI)

<i>En</i> <i>Pref</i>	<i>fraq</i> <i>N</i>	<i>ecer</i> <i>V</i>
<i>Es</i> <i>Pref</i>	<i>braç</i> <i>N</i>	<i>ejar</i> <i>V</i>
<i>En</i> <i>Pref</i>	<i>son</i> <i>N</i>	<i>ado/a</i> <i>V</i>
<i>Des</i> <i>Pref</i>	<i>alm</i> <i>N</i>	<i>ado/a</i> <i>V</i>

Geralmente, a parassíntese é descrita como um processo de prefixação e sufixação simultâneas, dado que tanto a prefixação da forma da base quanto a sua sufixação gera formas não atestadas na língua:

(VII)

<i>Enfraco/a</i>	<i>fraquecer</i>
<i>Esbraço</i>	<i>bracejar</i>
<i>Ensono</i>	<i>sonado/a</i>
<i>Desalma</i>	<i>almado/a</i>

Os sufixos que integram as formas parassintéticas também permitem formar verbos por simples sufixação, ou seja, nenhum dos sufixos que ocorre na parassíntese é exclusivo da parassíntese ou inexistente em estruturas de derivação não parassintética:

(VIII)

<i>Escur</i>	<i>escurecer</i>
<i>Pestan</i>	<i>pestanejar</i>
<i>Vidro</i>	<i>vidrado</i>

Quanto aos prefixos que integram as estruturas parassintéticas, eles não formam um conjunto homogêneo. Aqueles que detêm uma função semântica composicional são prefixos existentes no português, como: *descafeinar*, *descaroçar*. Os restantes, que têm uma mera função fática, de reforço expressivo, não ocorrem em nenhuma outra construção morfológica do português: *abrilhantar*, *embeleazar* e *esbranquiçar*.

Paralelamente, verifica-se que os verbos parassintéticos coexistem, em alguns casos, com verbos em que o prefixo não está presente, ainda que sejam frequentemente assinalados como arcaísmos ou provincianismos. Geralmente, o valor semântico é idêntico (IX). Este contraste é também visível em pares de formas pertencentes a diferentes variedades do português (X), em formas pertencentes a diferentes variedades do português (XI) e em formas cognatas que, em línguas diferentes, podem ocorrer ou não como parassintéticos:

IX

Aparafusar *parafusar*

Emoldurar *moldurar*

Esfarrapar *farrapar*

X

Apacificar *pacificar*

XI

Baralhar *embaralhar*

Gatilhar *engatilhar*

No que diz respeito aos modificadores, estes formam um conjunto autónomo, dado que o seu comportamento é distinto do comportamento dos afixos derivacionais. Os afixos modificadores não determinam as propriedades gramaticais das formas que integram, competindo-lhes, exclusivamente, alterar a informação semântica do núcleo. A classe gramatical da forma de base e a classe gramatical da forma que contém o sufixo *-inho* é sempre a mesma. Assim, quando se associa a um adjetivo, gera um adjetivo, quando se

associa a um nome, gera um nome, quando se associa a um advérbio geram um advérbio.

(XII)

Barato Adj *baratinho* Adj

Sino N *sininho* N

Cedo Adj *cedinho* Adj

1.2- Conversão

A conversão é um processo de formação de palavras também chamado de derivação imprópria. Este processo tem a particularidade de não introduzir qualquer distinção formal entre a base e o derivado, consistindo numa mudança de classe gramatical, com a correspondente adaptação de significado e, normalmente, também de padrão flexional.

Alguns processos de conversão mais frequentes são:

- a) Nominalização deverbal – um verbo nominaliza-se:

Jantar V *jantar* N

Andar V *andar* N

Ex. *Amanhã, vou **jantar** a tua casa.*

*O **jantar** estava maravilhoso.*

- b) Nominalização de adjetivo – um adjetivo nominaliza-se:

Elétrico Adj *elétrico* N

Genérico Adj *genérico* N

Ex. *Cuidado com a ficha, podes apanhar um choque **elétrico**.*

*O **elétrico** está atrasado.*

- c) Adjetivalização denominal – um substantivo adjetiva-se:

Rosa N *rosa* Adj

Pobre N *pobre* Adj

Ex. *Aquela **rosa** é muito bonita.*

*A mochila **rosa** é a minha preferida.*

d) Adverbialização deadjetival – um adjetivo passa a advérbio:

Alto _{Adj} *alto* _{Adv}

Forte _{Adj} *forte* _{Adv}

Ex. *Amanhã, prevê-se um dia com nuvens **altas**.*

*A Maria falou **alto** para os colegas.*

1.3- Não-afixal

A derivação não-afixal caracteriza-se pelo facto de, em vez de se juntar um afixo a uma base, se retirar um segmento a uma base. Trata-se sempre de um processo de nominalização deverbal, isto é, as bases de derivação regressiva são sempre verbos e os seus produtos são sempre nomes de ação, ou seja, nomes parafraseáveis por *ação de V / efeito de ação de V*, como por exemplo:

(XIII)

Fug(ír) _N *fuga _N (ação de fugir)*

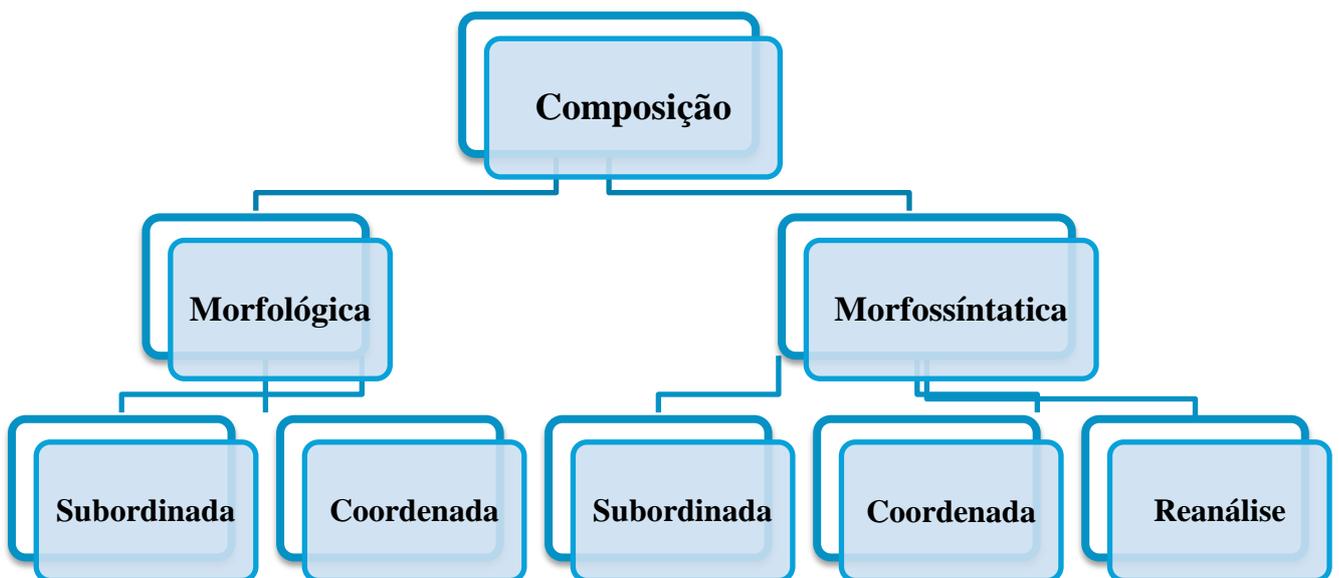
Atac(ar) _V *ataque _N (ação de atacar)*

Danç(ar) _V *dança _N (ação de dançar)*

Noutra perspetiva, o radical verbal (**fug**-(ir), **atac**-(ar) ou **danç**-(ar)) assume a categoria de substantivo, adquirindo, apenas, uma vogal, que é a sua desinência, o seu marcador de género.

2-Composição

A composição é um processo de formação de palavras que consiste na associação de duas ou mais variáveis lexicais, que podem ser radicais ou palavras. Em português, há dois tipos de composição entre os quais é possível estabelecer uma clara proximidade semântica. Assim, temos a composição morfológica, processo de ligação de um radical a um ou mais radicais ou de um radical a uma ou mais palavras e a composição morfossintática, processo de ligação de duas ou mais palavras. Entre estes elementos verifica-se, sobretudo, uma relação de coordenação ou subordinação, embora também possa existir uma estrutura de reanálise, como adiante se demonstrará. No esquema que se segue exemplifica-se esta subdivisão.



Composição Morfológica e Morfossintática

De um modo geral, entre os dois radicais ou o radical e a palavra associada ocorre a vogal de ligação *-i-* ou *-o-*.

(XIV)

Herb + i + cida = herbicida

Agr + i + cultura = agricultura

Lus + o + brasileiro = luso-brasileiro

Afr + o + lus + o + brasileiro = afro-luso-brasileiro

Ped + iatra = pediatria

Ped + agogo = pedagogo

2.1-Composição morfológica

Na tradição gramatical portuguesa, formas como ortografia ou sociocultural não são consideradas compostos, ou são tratadas como compostos literários ou eruditos. A este estatuto não é, certamente, alheio o facto de muitos dos constituintes deste tipo de compostos serem empréstimos gregos ou latinos, e o facto de serem particularmente frequentes em terminologias científicas e técnicas.

No entanto, este processo também está disponível para a formação de neologismos no português, quer a partir de empréstimos de outras línguas, *samba*¹⁹ em *sambódromo*, *skate*²⁰ em *skatódromo*, quer com base em formas que integram o léxico do português, tendo origem latina, *ministro* em *ministrícida*, ou grega, *SAL*²¹ em *salódromo*. Assim, pode descrever-se a composição morfológica como um processo de associação entre dois ou mais radicais, que exige a presença de uma vogal de ligação como delimitador da fronteira entre esses radicais. Os radicais que integram este tipo de compostos podem estabelecer entre si uma ligação de subordinação ou uma relação de coordenação como se pode ver na esquema seguinte.

¹⁹ Samba é um empréstimo do quimbundo

²⁰ Skate é um empréstimo do inglês

²¹ Sal é um acrónimo formado a partir da expressão Semana Académica de Lisboa

Composição Morfológica

Subordinação	Coordenação
(herb) + (i) + (cida) = herbicida (que mata ervas)	(lus) + (o) + (brasileiro) = luso-brasileiro (português e brasileiro)
(megal) + (o) + (mania) = megalomania (mania das grandezas)	(eur) + (o) + (asiático) = euro-asiático (europeu e asiático).

Os compostos morfológicos subordinados são geralmente nomes e são originados, principalmente, por unidades não autónomas, sobretudo de origem greco-latina. A relação semântica de equivalência é de subordinação, cuja ordem dos elementos é: **modificador – modificado/núcleo**, isto é, o valor semântico do elemento da esquerda modifica o valor semântico do elemento da direita, forma de núcleo, portanto, à direita.

(XV)

Tecnocracia (poder da técnica)

Pirotecnia (técnica/arte do fogo)

Herbívoro (que come erva)

Caligrafia (grafia bela)

Ortografia (grafia correta)

Cacografia (grafia incorreta)

Luso-descendente (descendente/filho de portugueses)

Afro-luso-descendente (descendente/filho de africanos e portugueses)

Sul-americano (americano do sul)

A flexão e o contraste de género, quando possível, ocorrem no final da palavra (elemento mais à direita):

(XVI)

Herbívoro(a)(s) sul-americano(a)(s)

Caligrafia(s) afro-luso-descendente(s)

Relativamente ao composto morfológico de coordenação, são sempre formas adjetivais e a relação semântica entre os diversos termos coordenados é de equivalência.

(XVII)

Euro-asiático afro-luso-brasileiro

Político-cultural socioeducativo

O radical composto domina imediatamente todos os radicais coordenados, isto é, o contraste de género e a flexão em número ocorrem no final da palavra, elemento mais à direita:

(XVIII)

*Luso-brasileiro(a)(s) / *lusa-brasileira, *lusos-brasileiros;*

*Franco-germano(a)(s) / *franca-germana, *francos-germanos;*

*Político-culturais / *políticos-culturais.*

2.1-Composição morfossintática

A composição morfossintática é um processo que associa duas ou mais palavras. Em português, os compostos morfossintáticos podem ser gerados por subordinação, coordenação ou por reanálise.

Relativamente aos compostos morfossintáticos gerados por subordinação, todos eles são nomes. O valor semântico do nome da esquerda (núcleo) é modificado pelo valor semântico do nome da direita, isto é, o nome da direita é o modificador do nome da esquerda:

(XIX)

Aluno-modelo, bomba-relógio, decreto-lei,

Quanto ao seu valor de género, ele é definido pelo nome da esquerda e a flexão em número também só afeta esse constituinte:

(XX)

O(s) aluno(s)-modelo, a(s) aluna(s)-modelo,

A(s) bomba(s)-relógio, o(s) decreto(s)-lei,

No que respeita aos compostos morfossintáticos gerados por coordenação, são sobretudo nomes, mas podem ocorrer como adjetivos. Nesta relação, todas as palavras têm idêntico estatuto e idêntica contribuição para a interpretação semântica. A flexão de número afeta, de igual modo, todos os constituintes, tal como o contraste de género, quando possível. Nesta situação, o valor de género destes compostos é idêntico ao dos seus constituintes quando é o mesmo:

(XXI)

O(s) trabalhador(es)-estudante(s);

A(s) trabalhador(a)(s)-estudante(s);

O(s) surd(o)(s)-mud(o)(s);

A(s) surd(a)(s)-mud(a)(s).

ou é masculino, se os constituintes tiverem valores diferentes.

(XXII)

O(s) bar(es)-discoteca(s);

Por último, os compostos morfossintáticos gerados por reanálise resultam da reinterpretção de uma estrutura sintática, formada por um verbo transitivo na 3ª pessoa

do singular do presente do indicativo seguido de uma forma nominal, como uma palavra. Esta estrutura sintática pode apresentar três tipos de estrutura, sendo a primeira, a mais usual, formada pelo verbo transitivo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo seguido de um nome no plural:

(XXIII)

Abre-latas, quebra-nozes, bate-chapas, guarda-joias.

Uma segunda estrutura sintática é formada pelo verbo transitivo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo seguido de um nome no singular, mas com possibilidade de flexionar no plural:

(XXIV)

Porta-voz(es), guarda-chuva(s), beija-flor(es), lava-louça(s).

A terceira estrutura sintática, muito pouco usual, é formada pelo verbo transitivo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo seguido de um adjetivo:

(XXV)

Fala-barato/a(s).

Problemática

A expressão escrita é um meio poderoso de comunicação e aprendizagem que requer o domínio apurado de técnicas e estratégias precisas, diversas e sofisticadas.

Inês Sim-Sim, (1997). *A Língua Materna na Educação Básica*

Esta parte de cariz mais prático pretende descrever o problema, o objetivo de estudo, seguido da sua metodologia e considerações finais.

Antes de debater sobre o tema específico, o trabalho de investigação deve iniciar-se pela definição ou contextualização do problema para o qual se pretende encontrar uma solução ou resposta. Definir o problema é expor o que se está a trabalhar e quais os objetivos desse trabalho.

A problemática deste trabalho consiste no complexo processo de produção e comunicação escrita no 1º Ciclo do Ensino Básico. Os objetivos da escrita determinam o formato da produção, que precisa de ser consistentemente ensinado e treinado em diversos produtos escritos com diferentes graus de complexidade. Desta forma, *cabe à escola garantir a aprendizagem das técnicas e das estratégias básicas da escrita, bem como deve ensinar a usar a escrita como instrumento de apropriação e transmissão do conhecimento* (Sim-Sim, 2009: 31), uma vez que a linguagem escrita está implícita em todas as unidades curriculares da escola.

Neste contexto, o professor desempenha um papel importante, motivador e criativo nas diversas atividades que propõe aos alunos, de modo a ajudá-los a adquirir o gosto por produções escritas, colmatando também possíveis erros ou falhas ortográficas que possam surgir, contribuindo assim para uma melhoria do processo de ensino e aprendizagem de cada aluno. Assim sendo, *ser um falante proficiente em contextos formais e institucionais, ser um leitor fluente e ser um escritor experiente implicam formas de apreensão do conhecimento que mobilizam um conjunto de processos cognitivos que conduzem à consciencialização do conhecimento já implícito e à análise e explicação de regras, estratégias e técnicas que terão de ser objecto de um ensino sistematizado, rigoroso e cuidado* (Sim-Sim, Duarte e Ferraz, 1997: 28).

Assim, consideramos pertinente abordar um tema que envolvesse a consciência linguística, uma vez que os alunos do 1º CEB apresentavam algumas lacunas ortográficas em determinadas palavras, no qual é usual os alunos escreverem conforme as pronunciam. Contudo, o interesse por esta questão levou a que o tema deste trabalho remetesse para a formação de palavras no 1º CEB, especificamente na Escola Básica de Santa Zita com a turma do 2º ano, de modo a investigarmos e aprofundarmos a importância que a escrita, aliada à formação de novas palavras, tem neste nível de ensino e se os alunos nesta idade conseguem adquirir conceitos mais complexos como prefixação e sufixação e aplicá-los em diversas situações.

A concretização desta problemática vai repartir-se em três fichas com o mesmo período de intervalo entre cada entrega, logo após o final de um dia de aulas, para não interromper as atividades diárias. A primeira ficha (anexo 1) será de caráter mais simples, em que os alunos apenas terão de ligar as palavras corretas. Na segunda ficha (anexo 2), o grau de dificuldade aumenta e, apesar de terem de ligar as palavras corretas, esta contém algumas palavras intrusas. No que diz respeito à terceira e última ficha (anexo 3), esta consistirá não na ligação de palavras, mas na escrita de palavras da mesma família.

É de ressaltar o interesse e a disponibilidade dos alunos e da professora cooperante pela receptividade que demonstraram para a concretização deste projeto, uma vez que os alunos passaram a sair um pouco mais tarde que o habitual.

Objetivo

A preferência do tema formação de palavras no 1º CEB fundamenta-se pelo facto de os alunos, por vezes, questionarem se determinadas palavras estavam relacionadas entre si. Aproveitando o estágio curricular na Escola Básica de Santa Zita, com uma turma de 20 crianças, com 8 anos, do 2º ano no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II, seria a oportunidade de testar a aplicação deste processo de enriquecimento vocabular.

Durante este percurso, deparámo-nos com dificuldades acentuadas em relação aos alunos que apresentavam algumas falhas na expressão escrita, nomeadamente na confusão de algumas palavras, em que trocavam determinados sufixos, como por

exemplo, *princesa e beleza*, não faziam a distinção de letra, pois o som ao ser pronunciado é idêntico o que os levava a cometer este tipo de erro. Neste sentido, o principal objetivo deste trabalho é refletir de uma forma aprofundada acerca da importância da formação de palavras, que de uma forma mais simplificada será abordada através da prefixação e sufixação e como os conseguem compreender e aplicar nas diversas atividades que vão sendo propostas.

Desta forma, o estudo baseia-se essencialmente na compreensão e análise da formação de palavras, de forma mais simplificada.

Metodologia

A escolha da metodologia é um ato decisivo para obtermos respostas, uma vez que é a através de pesquisas, perguntas e respostas que o investigador constrói o caminho que o vai fazer responder a todas as questões face a um problema. Desta forma, pode ser entendida como um caminho de etapas que serão vencidas de forma metódica e sistematizada, na procura de soluções adequadas ao problema.

Para a realização deste trabalho, o investigador fez um trabalho de campo em que observou, interrogou, imitiu juízos de valor e analisou factos. Desta forma, procurámos escolher um tema que se adequasse à idade dos alunos e fosse ao encontro da nossa área. Estas fichas foram elaboradas por mim, sendo analisadas pelo professor orientador.

Começámos por realizar três fichas com graus de dificuldade progressivos, partindo sempre do mais fácil para o mais complicado e com o mesmo período de intervalo entre cada ficha, um mês. Os intervenientes desta temática eram, inicialmente, 10 alunos, mas como todos se mostraram participativos, elaborou-se e entregou-se a ficha para todos os 20 elementos da turma, um deles com NEE, embora também quisesse participar neste exercício.

Após a entrega e leitura da primeira ficha (anexo 1), os alunos tinham de ligar seis palavras aos termos correspondentes. No que diz respeito à segunda ficha (anexo 2), com um grau de dificuldade superior à primeira, consistia também em fazer ligações de palavras aos termos corretos. No entanto, os alunos tinham de estar mais atentos, pois

havia palavras que não pertenciam a nenhuma das ligações. Por fim, na terceira ficha (anexo 3), os alunos não tinham de fazer ligações, mas escrever palavras que se adaptassem à pedida.

Posteriormente, com as três fichas realizadas, passámos à recolha e análise das respostas dadas, transpondo-as para os gráficos que serão apresentados de seguida.

Apresentação e discussão dos dados

Neste ponto, pretendemos apresentar os dados obtidos da realização das fichas, seguidos da posterior análise dos mesmos.

Deste modo, serão apresentados os resultados obtidos das fichas realizadas pelos alunos com um grau de dificuldade superior sobre a formação de palavras. É pertinente referir que, em cada ficha, havia duas palavras com três ligações, para servir de exemplo aos alunos, de modo a explicar-lhes que cada palavra era composta por pequenos *legos* que se encaixavam e daí era composta a totalidade da palavra.

Na primeira ficha, como podemos observar no gráfico 8, mostramos a totalidade de alunos que ligaram corretamente todos os termos às palavras corretas. Após a entrega da ficha, a cores, as palavras foram lidas em voz alta e todos estavam atentos. Expliquei-lhes apenas que as palavras escritas a vermelho eram a base da palavra e, à esquerda, a verde a palavra era composta por prefixos e, à direita, a azul por sufixos.

A partir desta explicação, os alunos, sem terem conhecimento de mais pormenores acerca do tema, realizaram a ficha sem dúvidas e com grande rigor. No entanto, denota-se uma pequena falha em duas respostas na palavra *igual e pedra*, que não foram ligadas corretamente à palavra correspondente, daí notar-se uma pequena falha, como se pode verificar, nas extremidades do gráfico.

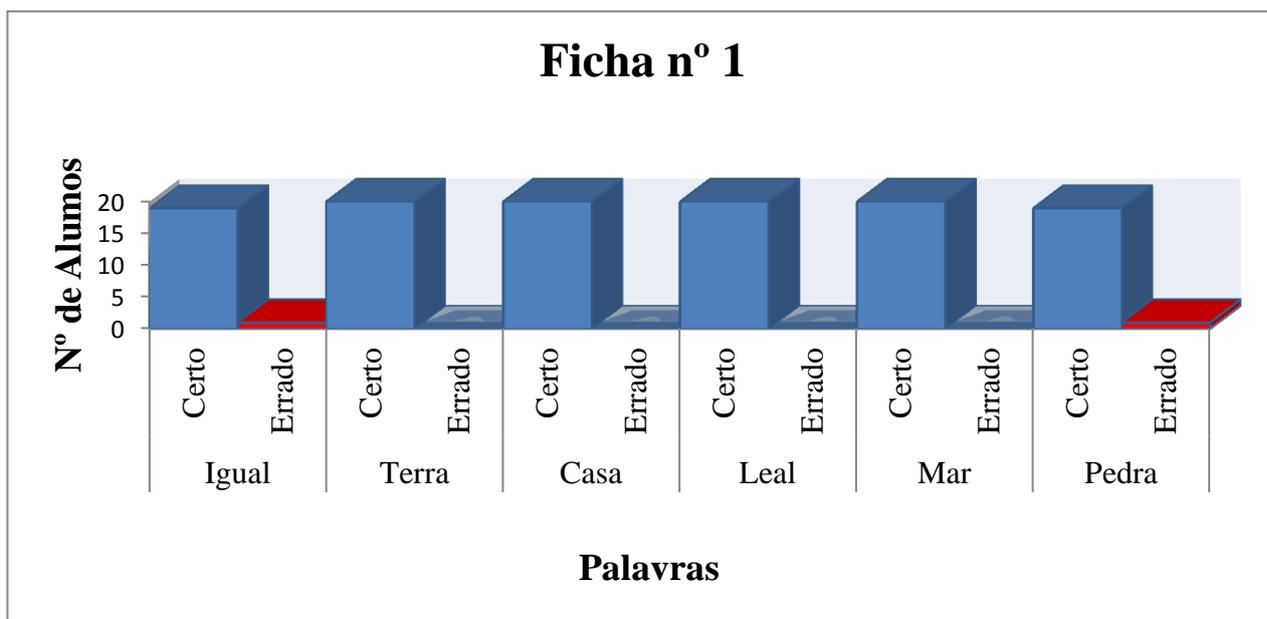


Gráfico 8 - Ficha nº 1

No que diz respeito à ficha número dois, o grau de dificuldade aumentou e os alunos, para além de terem de fazer as ligações corretas da palavra base às palavras derivadas, tinham de ter em atenção as palavras intrusas que não faziam parte. Nesta ficha, é de salientar que havia palavras que já tinham sido incluídas na primeira ficha, como é o caso de *feliz* e *triste*.

A ficha, mais uma vez, foi realizada sem dar explicações da temática em estudo. Apenas foram alertados para o facto de as palavras serem constituídas por prefixos e sufixos. Como é notório no gráfico Nº 9, o número de respostas certas é superior ao número de respostas erradas, verificando-se uma maior diferença entre as palavras *triste* e *participa*.

Apesar de as palavras *feliz* e *triste* serem repetidas, não obtiveram a maioria das respostas certas. No caso da palavra *feliz* o número de respostas erradas é ligeiramente superior às respostas certas, já na palavra *triste* verifica-se a situação inversa.

Ficha nº 2

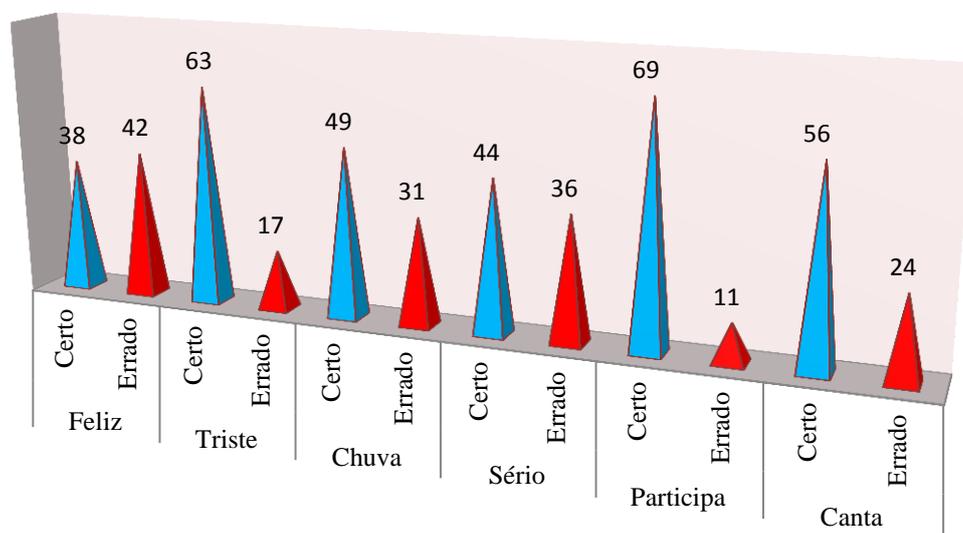


Gráfico 9- Ficha nº 2

No que concerne à concretização da terceira e última ficha, para a sua explicação, relacionei este tema com um que os alunos andaram a estudar referente aos animais. Uma vez que os animais têm filhos, descendentes, as palavras-mãe também dão origem aos seus filhos, também descendentes, e, nesta ficha, cada aluno iria dar “filhos descendentes” às palavras. Algumas das palavras coincidiram com palavras da ficha anterior.

Desta forma, foi mais fácil a explicação, não gerando dúvidas quanto ao que era para fazer. Como se pode observar através do gráfico 10, o número de respostas certas foi mais elevado em relação às respostas erradas, no caso da palavra *casa*, tendo apreendido com exatidão o que lhes foi proposto acerca da formação de palavras, especificamente de prefixos e sufixos. Nas restantes palavras não se verificou esta situação.

É importante mencionar que na correção e análise das respostas, não demos importância aos erros, isto é, desde que a base da palavra estivesse certa e fizesse sentido, aceitámos a resposta como correta, como por exemplo: *flizidade*, *felizagão*, *descazinha casarouna*, entre outros.

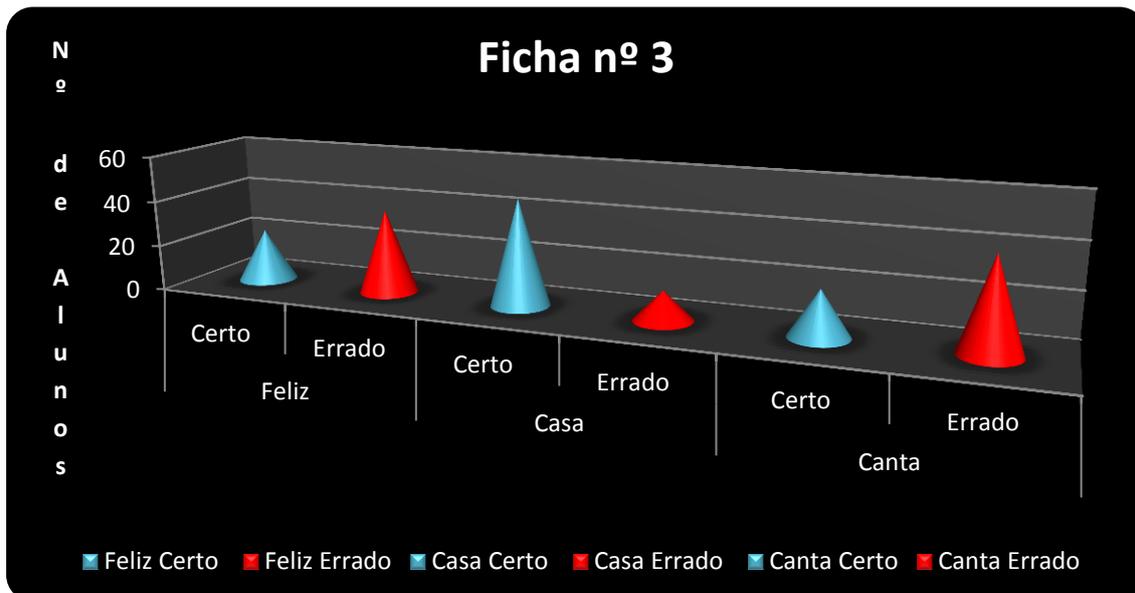


Gráfico 10 - Ficha nº 3

Ainda no seguimento desta ficha, os alunos tiveram em atenção o que lhes foi explicado e lembraram-se dos prefixos e sufixos, sendo notório em várias palavras. Os prefixos que os alunos mais aplicaram nas palavras foram: *in-* e *des-* como por exemplo: *infelicidade*, *infeliz*, *descanta*, *desfeliz*, e se pode verificar no gráfico Nº 11. Através deste gráfico também podemos concluir que os alunos, apesar de terem realizado as duas primeiras fichas com certo período de tempo, conseguiram lembrar-se e aplicar conhecimentos que não lhes foram explicados na resolução desta.



Gráfico 11 - Prefixos mais utilizados

Relativamente aos sufixos que os alunos utilizaram, podemos verificar a maior ocorrência como nos casos de: *-inho/a*, *-ota*, *-ão*, *-or* e *-ade*.

Podemos ainda observar no gráfico Nº 12 que os sufixos mais utilizados pelos alunos dizem respeito aos sufixos *-inho/a* e *-ão*, por exemplos: *casinha* e *casarão*. No entanto, os alunos recorreram aos sufixos: *-ota* (6) *casota*, *-ade* (13) *felicidade*, *-or* (15) *cantor*, *-ão* (27) *casarão* e *-inho/a* (51) *casinha*, com mais destaque para os dois últimos, para o mais e menos, isto é, o aumentativo e o diminutivo.

Este era um dos resultados esperados com a resolução da ficha, uma vez que estes foram os métodos mais recorrentes e utilizados pelos alunos para descreverem determinadas palavras, pois é um conteúdo que é de fácil perceção e aplicação na resolução de palavras. Sem se ausentarem do que é proposto para a resolução da ficha, os alunos conseguem empregar estes dois graus com facilidade e exatidão.

É de salientar ainda que a junção dos prefixos mais utilizados com os sufixos mais usados pelos alunos ao longo da resolução desta ficha deu origem: *infelicidade*, *descasinha*, *descantasinha*.

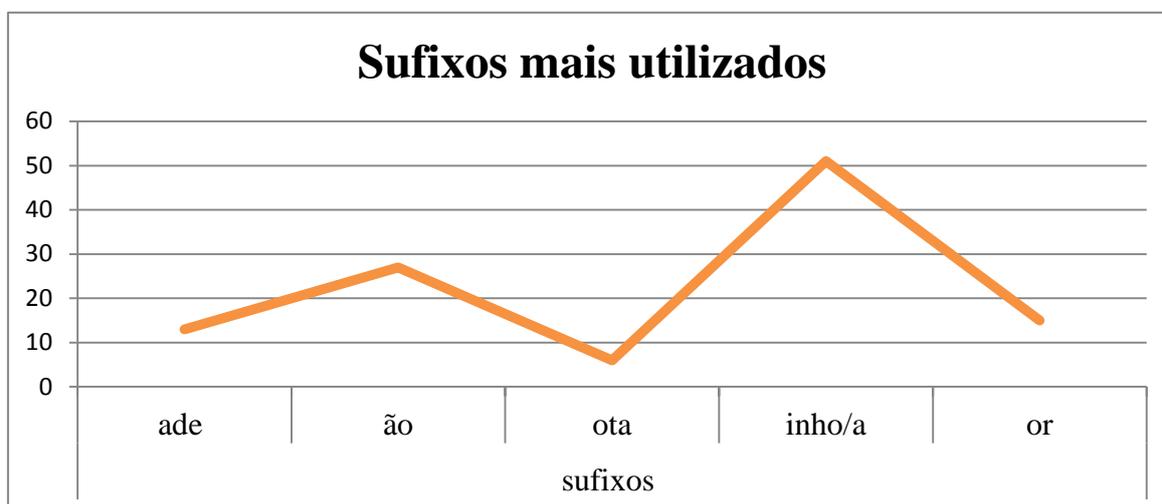


Gráfico 12 - Sufixos mais utilizados

Com a execução da última ficha e da análise das respostas dadas, podemos concluir que os alunos apreenderam o essencial do que lhes foi transmitido sobre a formação de palavras, mais especificamente, prefixos e sufixos. De um modo geral, todos os alunos tiveram uma evolução ao longo das fichas no que concerne à interpretação que cada um teve de realizar para conseguir fazer corresponder à base de uma palavra os afixos

corretos. Esta tarefa foi mais evidente na última ficha em que tinham de completar os espaços em falta e tiveram de recorrer aos termos falados, verificando-se diversidade nos que utilizaram.

Em conclusão, o professor tem um papel importante no desenvolvimento do raciocínio de um aluno, no que diz respeito a este tema. Sendo este um dos conteúdos apenas tratado no 3º ano, segundo as Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico. Os alunos conseguiram já apreender o funcionamento da formação de palavras e aplicá-lo sem ajuda. Desta forma, cabe ao professor planear estratégias eficazes e perspicazes que faça com que os alunos pratiquem jogos de palavras e não se esqueçam como elas surgem e se escrevem.

Considerações Finais

A elaboração deste trabalho resultou do interesse em aprofundarmos conhecimentos no domínio da língua escrita, mais especificamente, sobre a importância da formação de palavras no 1º Ciclo do Ensino Básico e a sua implicação no processo de ensino e aprendizagem através de exercícios práticos de ligações de palavras com a mesma base de modo a formar um *lego* completo da palavra.

Após os resultados das fichas realizadas pelos alunos, podemos constatar que estes apreenderam o conceito proposto. Na primeira ficha, apesar de não terem qualquer informação, conseguiram executá-la sem dúvidas e sem falhas. Na segunda ficha, o grau de exigência aumentou e já se evidenciaram algumas falhas, mas essas falhas não foram superiores às respostas corretas. No que diz respeito à terceira ficha, a mais exigente de todas, os alunos conseguiram aplicar termos de prefixos e sufixos nas palavras pedidas. Os alunos utilizaram mais sufixos que prefixos na formação de palavras e os que usaram foram variados, sendo mais evidente o recurso aos sufixos *-ão* e *-inho*, ou seja, para formarem o *lego* recorreram a várias opções.

Para a realização deste estudo, tenho de agradecer o contributo que os alunos do 1º CEB da Escola Básica de Santa Zita prestaram para que este projeto se desenvolvesse. A disponibilidade da professora cooperante após o término da PES permitiu que continuasse com o estudo, dando o seu apoio e ajuda.

Finalizada a realização deste estudo, pensamos que os objetivos traçados no início da temática se cumpriram, como se pode analisar pelas fichas dadas aos alunos. O desempenho que manifestaram na realização das mesmas, como nos resultados de aquisição de uma nova terminologia que contribui para o seu processo de ensino e aprendizagem.

Conclusão

Numa perspetiva global do trabalho que desenvolvemos ao longo do ano, podemos verificar o contributo que a realização da PES tem na nossa formação enquanto futuros professores / educadores. O mais importante da sua realização reside no facto de nos ter proporcionado vastas experiências diárias, que contribuíram para o desenvolvimento das nossas competências pedagógicas.

O momento que mais contribuiu para o desenvolvimento enquanto professora estagiária foi, sem dúvida, a aprendizagem diária de conhecimentos práticos que adquiri, que aliados aos conhecimentos teóricos ajudaram a desenvolver uma prática pedagógica mais eficiente. Evidentemente, não fica de parte a importância da planificação e da reflexão para a eficácia da nossa intervenção enquanto futura professora.

Todo a aprendizagem e conhecimento adquiridos ao longo de vários meses de estágio não seriam possíveis se em ambas as PES não tivesse sido bem acolhida, quer pela professora cooperante no 1º CEB, quer pela educadora cooperante na Educação Pré-Escolar, como a boa relação pedagógica estabelecida com as crianças, permitindo uma intervenção e transmissão de conhecimentos enriquecedora e profícua nas várias atividades abordadas, havendo assim uma relação de amizade e respeito mútuo ao longo da PES.

No decorrer deste procedimento, cada momento era um desafio, no qual os medos e as fraquezas eram enfrentados na sala de aula todos os dias. Cada erro uma nova lição e em cada dificuldade uma oportunidade para crescermos enquanto profissionais da educação. Para além de contribuir para desenvolvermos instrumentos de intervenção para o processo de ensino e aprendizagem, dotou-nos de capacidades para identificar problemas, refletir sobre os mesmo e procurar soluções e estratégias que nos permitem dar decisões a futuros desafios.

Em suma, são várias as dificuldades que um professor tem de enfrentar. No entanto, com esforço e dedicação, consegue marcar a sua posição enquanto professor. Daqui ressalta a ideia de que somos nós os responsáveis pelo crescimento e aprendizagem profissional.

No que diz respeito à temática em estudo acerca da formação de palavras no 1º CEB só se conseguiu realizar com o apoio e compreensão da professora cooperante, como dos alunos que desde o início se mostraram muito interessados em ajudar e contribuir para o desenvolvimento deste tema.

O presente estudo pretende ajudar os alunos na escrita de pequenas palavras que, por vezes, podem suscitar algumas dúvidas. Desta forma, pretendemos ajudá-los na produção escrita com exercícios variados, através de fichas com grau dificuldade crescente. Com a sua realização, denotou-se que os alunos apreenderam que as palavras contêm prefixos e sufixos e conseguem utilizá-los corretamente, como se verificou na realização da última ficha. Verificou-se, também, que utilizaram vários prefixos e sufixos para as diferentes palavras, recorrendo ao grau aumentativo e diminutivo para as resolver.

Findando, a escrita está presente na vida de uma pessoa desde sempre, e cabe ao professor desde os primeiros momentos cativar os alunos para a produção escrita através de diversas estratégias lúdicas e divertidas. Desta forma, o aluno ganhará desde cedo o gosto pela escrita e pelo escrever bem e sem erros ortográficos.

Neste contexto, o professor é aquele que ensina, planifica e avalia, que estrutura tarefas para aprender, organiza, dinamiza e disciplina os grupos de trabalho é ainda *o facilitador, que está sempre disponível e disposto a ir ao encontro das dúvidas, das dificuldades e problemas dos alunos*, que se envolve inteiramente e compromete toda a sua pessoa e seus recursos no processo educativo. Assim sendo, *o professor como educador é um factor determinante no desenvolvimento e na aprendizagem do educando* (Alarcão, 2005: 140).

Bibliografia

- ✓ Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores*. Porto: Porto Editora.
- ✓ Alarcão, I. (2005). *Psicologia Educacional*. Coimbra: Editora Almedina.
- ✓ Alberti, A. (1979). *Práticas de Ensino*. Lisboa: Editorial Estampa.
- ✓ Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Editora McGraw-Hill (Portugal).
- ✓ Ciar, B. (1979). *Práticas de Ensino*. Lisboa: Editorial Estampa.
- ✓ Correia, M. e San Payo de Lemos, L. (2005). *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- ✓ Costa, J.; Cabral, A, C.; Santiago, A. e Viegas, F. (2001). *Guião de Implementação do Programa – Conhecimento Explícito da Língua*. Lisboa. Ministério da Educação.
- ✓ Dottrens, R. (1974). *Educar e Instruir*. Lisboa: Editorial Estampa.
- ✓ Estrela, A. (1985). *Teoria Prática de Observação de Classes: Uma estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.
- ✓ Formosinho, J. (1998). *Educação para todos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ✓ Mateus, M. Helena Mira *et aliae* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- ✓ Mialaret, G. (1975). *Psicologia da Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ✓ Ministério da Educação, (2006). *Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo Ensino Básico. Departamento de Educação Básica*.
- ✓ Ministério da Educação, (2007). *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar, Departamento da Educação Básica e Núcleo de Educação Pré-Escolar*.
- ✓ Nóvoa, A. (1992). *Formação de Professores e a Profissão Docente, os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- ✓ Sim-Sim, I. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ✓ Sprinthall, C., e Sprinthall, N. (1993). *Psicologia Educacional. Uma abordagem*. Lisboa: Editora McGraw-Hill (Portugal).
- ✓ Tavares, J., e Alarcão, I. (2005). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

- ✓ Zabalza, M. (1992). *Didáctica da Educação Infantil, Coleção Horizontes da Didáctica*. Porto: Edições Asa.
- ✓ Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva dos Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa Professores.

Legislação

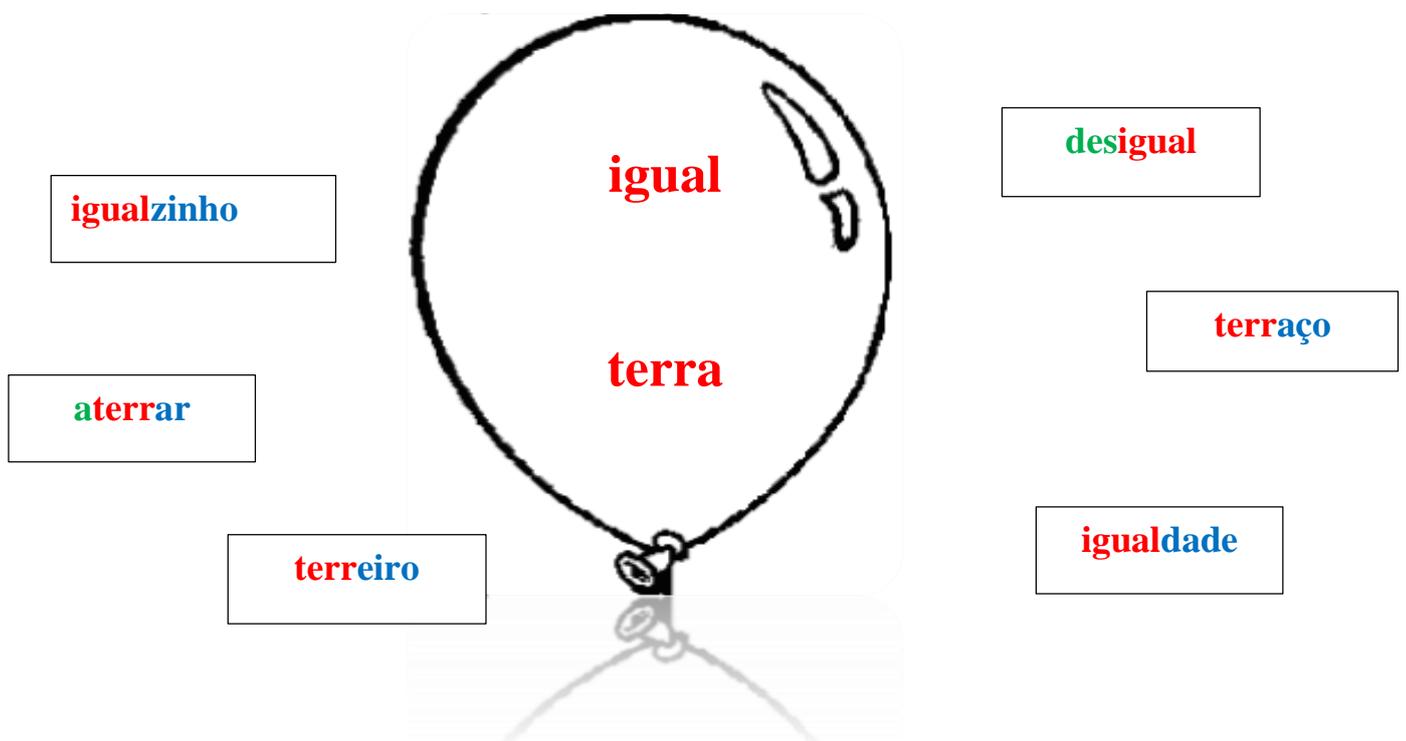
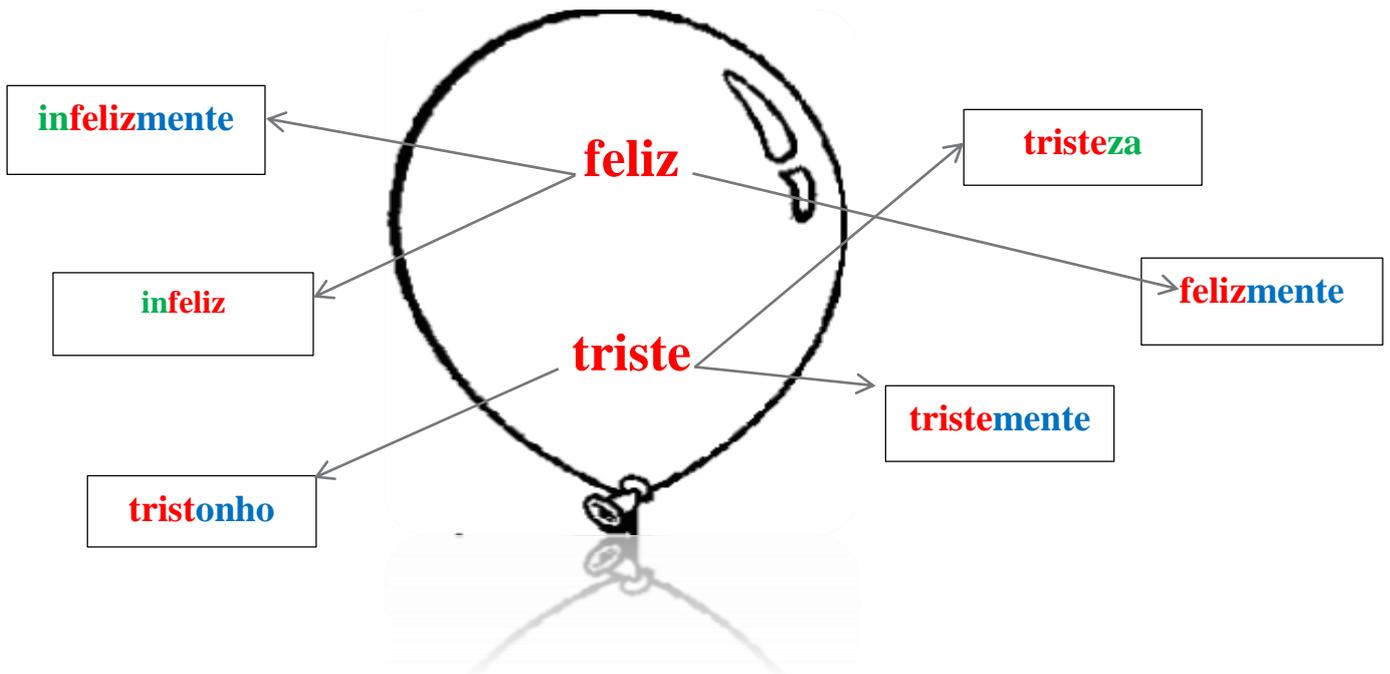
- ✓ Decreto Lei Nº 1874/2012 de 10 de agosto
- ✓ Decerto Lei Nº 237/1986 de 14 de outubro
- ✓ Decreto Lei Nº 217/1997 de 19 de setembro
- ✓ Decreto Lei Nº 166/2005 de 30 de agosto
- ✓ Decreto Lei Nº 187/2012 de 26 de setembro
- ✓ Decreto Lei Nº 139/2012 de 5 de julho
- ✓ Decreto Lei Nº 236/2012 de 6 de dezembro

Anexos

Ficha Nº 1

Nome: _____

1-Faz a correspondência de acordo com o exemplo:





lealmente

casarão

casota

lealdade

desleal

casinha



Maré

empedrar

pedreira

pedregulho

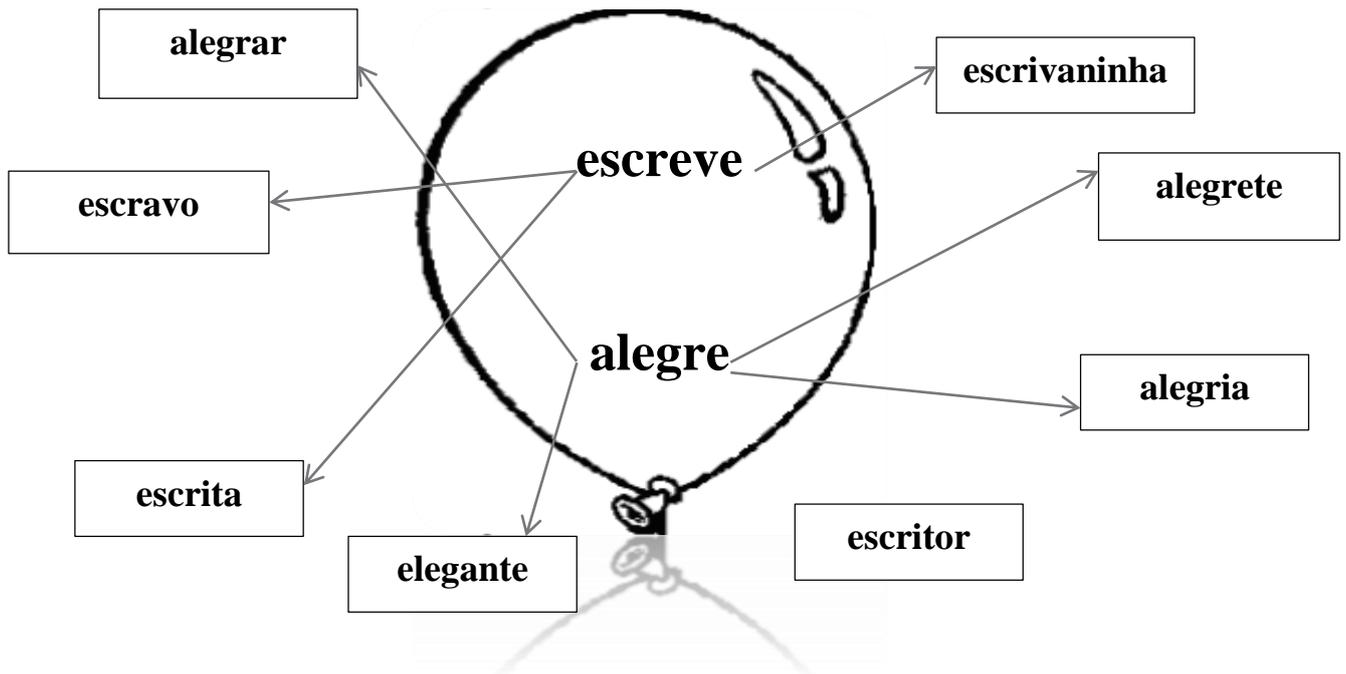
marinheiro

marítimo

Ficha Nº 2

Nome: _____

1- Observa com atenção o exemplo e faz a correspondência correta:



chuvisco

seriar

seriamente

chuveiro

chuva

sério

chuvada

seriedade

chuteira

sereno

cantar

participante

cantor

particularidade

participa

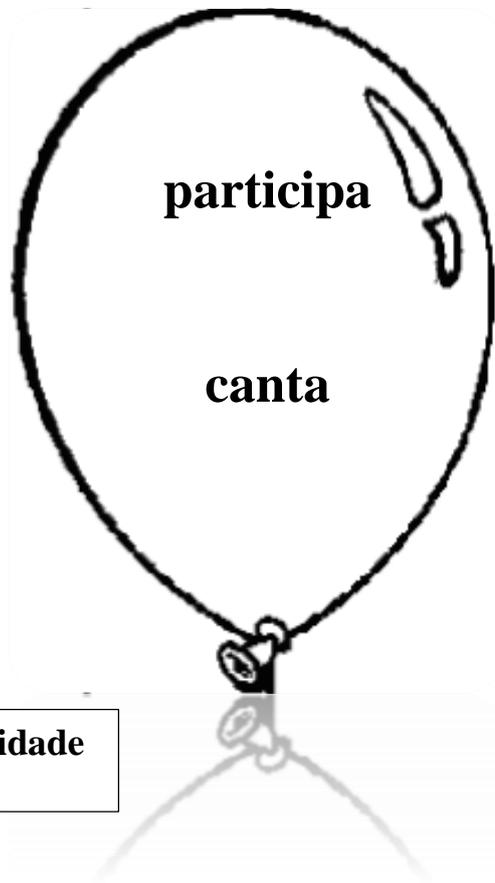
canta

cantarolar

participação

cantareira

participar



Ficha N° 3

Nome: _____

1-Observa o exemplo, constrói palavras do mesmo género do exemplo!

